

# BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRES, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1939

ANNO VIII

N.º 5

ESCREVEM NESTE NUMERO:

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA  
DEOLINDO TAVARES — DONATELLO GRIECO  
HENRIQUE CARSTENS — LIMA PIGUEIREDO  
LYDIA DE ALENCASTRO GRAÇA  
MARIA A. BOTELHO — MURILLO ARAUJO  
ORLANDO CARNEIRO — OSORIO DUTRA  
RENATO ALMEIDA — RIVADAVIA DE SOUZA  
VINICIO DA VEIGA

NESTE NUMERO:

Secções de  
Cinema, e  
Artes Plásticas

Correspondencia de  
LISBOA

NESTE NUMERO:

"LAR, DOCE LAR"  
Conto de  
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA  
  
"SAMAMBAIA"  
Conto de  
ROQUETTE-PINTO



PAULO WERNER

PREÇO PARA TODO O BRASIL: 25000

EDGARD LIGER-BELAIR

FABLES

—  
ARIEL

livro  
do  
dia!

ACABA DE APPARECER  
O NOVO VOLUME DE VERSOS DE  
EDGARD LIGER-BELAIR:

# FABLES

Apólogos do folk-lore brasileiro postos em  
versos franceses por um eminent poeta lau-  
reado pela Academia Franceza.

Edição Profusamente Ilustrada por Luiz Sá



# BOLETIM DE ARIEL

## EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDATOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:  
João Teixeira Soares Netto

SECRETARIO:  
Donatello Grieco

## ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção  
Postal Pan Americana:

Simples . . . . .	18\$000
Registrada . . . . .	28\$000
EXTERIOR	
Simples . . . . .	22\$000
Registrada . . . . .	24\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000
Numero atrazado . . . . .	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se ocupará dos apparecidos no ultimo Dtrimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 meses.

O BOLETIM DE AIEL não se ocupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

## NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

## SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris  
Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisbôa  
No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre  
Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo  
Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte  
Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife  
Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia  
Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió  
Na Paraíba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa  
No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza  
No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém  
No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

**Direcção, Redacção e Publicidade:**  
**ARIEL, EDITORA LIMITADA**  
Rua Senador Dantas, 40-50  
Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

## VANTAGENS CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO "BOLETIM DE ARIEL"

### CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás lettras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

### DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20% sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDIÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

### ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encommendas de livros alheios não gosarão de descommendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

### «BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encommendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

### COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs. .... para que seja remettida uma assignatura annual de Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de ....

NOME .....

RUA .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Corte estecoupon e envie a ARIEL,  
— Rua Senador Dantas, 40-50 — Rio de Janeiro.  
N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

# EDIÇÕES "ARIEL"

**IMPORTANTE:** Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gozarão de um desconto de 20% sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS	
A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação . . . . .	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira . . . . .	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá) . . . . .	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros . . . . .	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial . . . . .	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2.ª edição aumentada . . . . .	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros . . . . .	8\$000
" — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã . . . . .	8\$000
" — Evolução da Prosa Brasileira . . . . .	10\$000
Gilberto Amado — Espírito do nosso Tempo — 2.ª ed. . . . .	5\$000
" — Dias e horas de vibração . . . . .	5\$000
" — A Dança Sobre o Abysmo . . . . .	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber . . . . .	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2.ª edição aumentada . . . . .	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2.ª edição . . . . .	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo . . . . .	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2.ª edição . . . . .	6\$000
ROMANCES E NOVELLAS	
Gastão Cruls — Vertigem — 2.ª edição . . . . .	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Misteriosa — 4.ª edição . . . . .	6\$000
Iago Joé — Bagunça . . . . .	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira . . . . .	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo . . . . .	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina . . . . .	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo . . . . .	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo . . . . .	7\$000
Victor Axel — Germana . . . . .	5\$000
ROMANCES DE AVENTURA	
Georges Simenon — O misterio de um morto . . . . .	5\$000
" — O cão amarelo . . . . .	5\$000
" — Um crime na Holanda . . . . .	5\$000
CONTOS	
Gastão Cruls — Historia puxa Historia . . . . .	8\$000
Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios . . . . .	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia . . . . .	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos . . . . .	5\$000
Gastão Cruls — Coivara . . . . .	7\$000
TRADUÇÕES DE GASTÃO CRULS	
René-Albert Guzman — Ciume — 5.ª edição . . . . .	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4.º Milheiro . . . . .	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Forca . . . . .	6\$000
POESIA	
D. Milano — Antologia de Poetas Modernos . . . . .	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas . . . . .	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica . . . . .	5\$000

COLLEÇÃO "CRIMES CELEBRES"	
Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visqueiro . . . . .	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora . . . . .	5\$000
JURISPRUDENCIA	
José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4.ª edição — br. . . . .	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — Sociedades Anónimas 1.º vo. 1. — br. . . . .	50\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1.ª Parte, Vol. I — br. . . . .	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1.ª Parte, Vol. II — br. . . . .	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2.ª 3.ª e 4.ª Parte, Vol. III br. . . . .	30\$000
PEDAGOGIA	
Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany . . . . .	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Testes . . . . .	10\$000
LITTERATURA INFANTIL	
Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1.º vol. da collecção: "Historias do Tio João") . . . . .	8\$000
PEDIATRIA	
Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1.º vol. . . . .	6\$000
CHIROMANCIA	
Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3.ª edição aumentada . . . . .	10\$000
NARRAÇÕES	
Ranulpho Prata — Lampeão . . . . .	6\$000
CULINARIA	
Maria de Lourdes — Arte de cozinhar (Petiscos e Petisqueiras) — 1.350 receitas — 2.ª edição — vol. cart. . . . .	14\$000
ECONOMIA E FINANÇAS	
Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro . . . . .	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Jurídicas Sobre o Séguro . . . . .	10\$000
COLLECTANEA	
Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad. . . . .	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 — 1 vol., encad. . . . .	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 — 1 vol., encad. . . . .	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 — 1 vol., encad. . . . .	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad. . . . .	45\$000



# BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS

— ARTES —

SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira  
 Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria  
 V. de Miranda Reis

REDATOR-CHEFE

Agrippino Grieco

## CASEMIRO DE ABREU

Casemiro de Abreu é um poeta do nosso bem querer.

Obrigado a recalcar a emoção poetica, por obediência, vindo cedo a soffrer de doença incurável, não é extraordinario que Casemiro de Abreu tivesse sido um triste e um melancolico. A vida, para elle, foi um desafio cruel, que o encontrou sem força para enfrental-a, de tal sorte que se abandonou á dôr, mas nunca chegou ao desespero de tantos outros. Dahi as suas *Primaveras* terem sido tristes, chorosas, desalentadas. Tudo lhe tirava o impeto da vida, a força da alegria e a confiança no futuro. Foi um timido, tinha medo de desejar, fugia, quando adorava, e, ao voltar ao lar, rever os seus e a sua terra, enche-se de alegria, mas pensa na morte.

*Basta-me um anno!... e depois... na sombra...*

*Onde tive o berço quero ter meu leito!*

Essa preocupação de dôr é permanente e a cada momento brota, quando não no sentido dos versos, nas palavras, nas imagens, nas comparações. É a constante do seu espirito e do seu temperamento. Na propria alegria, ao invez do entusiasmo da esperança, da seiva da primavera, Casemiro de Abreu, fala *no choro no firme do dia, no cansaço infantil*, na morte que está no fundo da taça que quer exgottar dum trago. Também no amor. Se lhe vem o impeto de amar, logo pensa na morte e offerece-se em holocausto ao tumulo.

Ao meio dessa infinda melancolia, o poeta tem uma adoração pelas coisas, quasi mystica, uma grande ternura pelo Brasil, um brasileirismo meigo, fraternal, franciscano, *meu irmão Brasil*, onde tudo é bello, a mão da natureza esmerou-se em tudo quanto tinha, campos, palmeiras, serranias, cachoeiras, mattas, céos, tantas bellezas, tantas, que o poeta cae em extase pela sua terra natal. Mas, tudo sem exaltação, só meiguice, envolvido nas lembranças da saudade, do exilio e do desterro. O poeta *chora nos seus cantares* e o canto é um choro ininterrupto. Ha o contraste curioso entre o seu

desejo de que todas as coisas sejam bellas e suaves — *o céo, um manto azulado; o mar, um lago sereno; o mundo, um sonho dourado; a vida, um hymno de amor* — e a tortura da realidade dolorosa. Mas a dôr não o leva ao pessimismo, não se reflecte no mundo, fica na sua alma, sómente é angustia para o seu peito. Elle é um exilado constante, tem saudade de tudo, porque tudo é alegria, mas não pode comunicar-se com essa alegria, não se funde na natureza. A hora fugaz do contentamento é inquieta, já presente a magua que se avizinha e nella terá de succumbir.

Ha um encanto na simplicidade desse poeta. Tudo lhe é natural e nunca se encontra *litteratura* nas suas imagens ou formas. Prosegue, sincero e incorrecto, nessa confissão de tristeza e melancolia, a chorar a vida, que ama, mas não pode gozar. Ainda hoje os seus versos são lidos com deleite e é communicativa a sua magia pelas coisas. Na propriedade das comparações, no tom intimo da poesia, no carinho com que fala dos seus, com que evoca... *mamãe a contar-me historias lindas*, a sua sensibilidade tem alguma coisa da eterna ternura humana e, assim, é imperecivel.

Se Casemiro de Abreu foi um poeta puro, musical, desinteressado, não foi um grande poeta. A persistência das notas sentimentaes acaba por se tornar monotona e esse choro constante, em que viveu, sem transfiguração da sua dôr, depois de despertar a melancolia do leitor, exgotta-o e enerva. É certo que não teve grande cultura, ao contrario mesmo, seus estudos foram muito reduzidos, sem margem para intervir a intelligencia nessa poesia, que é só do coração. E como a intelligencia é que dá principalmente o sentido da variação, os poetas de mera sensibilidade são monocordes e acabam fatigando.

Elle não foi tambem, já o dissemos de outra vez, um poeta essencialmente brasileiro, porque se teve essa immensa ternura pelas nossas coisas, se viveu irmanado ao Brasil, não sentiu o tumulto da terra, o despertar das suas forças, a sua irremedia-

# POEMAS DE JUDAS ISGOROGOTA

## EXCENTRICO

Às vezes tenho pensamentos doidos...  
E talvez sejam todos elles, todos,  
Excentricos, talvez...  
Penso agora que dentro n'alma trago  
A tristeza monochroma de um lago  
De jardim japonez...

Como é suave a expressão desse recanto  
Onde se escuta quando em vez um canto  
Muito triste, de escol,  
De uns labios feitos para os beijos doces...  
Ah! quem me déra, coração, que fosses  
Lá do paiz do sol!...

A tarde é assim, de meias tintas tragicas,  
Quando, enfeitada de lanternas magicas,  
Desce a noite ao jardim...  
E as aguas mortas, no verge' tristonho,  
Lembram olhos azues feitos de sonho,  
Feitos de amor, emfin....

E, à noite, o céu parece uma cascata  
Espelhante, de luz como de prata,  
Transbordando no azul!  
E a flor de lotus, entre os malmequeres,  
Como que espera o beijo das mulheres  
Das provincias do sul...

Meu coração, em tempos mui remotos,  
Foi, de certo, uma estranha flor de lotus,  
Mística e singular...  
E as mãos fidalgas de uma geisha havia  
Amido tanto, que morreu um dia  
Cansada de esperar...

Por isso, quando o meu olhar tranquillo  
Ponho em teus olhos lindos de berylo,  
Eu penso, muita vez,  
Ter no peito, de tempos mui remotos,  
A cinza fria de uma flor do lotus,  
De jardim japonez...

vel barbaria. Satisfaz-se com a paizagem limpida, os horizontes azues, os prados verdejantes, sem poder dominar, pela poesia, a natureza. Limitou-se a ser um contemplativo. Ignorou a voz do homem novo, as suas aspirações, a conquista violenta do solo, o rythmo acelerado do seu progresso, a sua vontade de saber, de conhecer, de vencer. E foi por isso que não influiu no Brasil, da mesma forma que Gonçalves Dias, que era um erudito, Castro Alves, Alvares de Azevedo, ou Alencar. Foi o poeta dos humildes e recalados, de todos os que, como elle, se contentavam com o mundo exterior para o seu deslumbramento íntimo.

RENATO ALMEIDA

## A MULHER QUE NÃO ERA BONITA

Talvez, porque vivesse angustiada, afflita,  
Amei uma mulher que não era bonita...

Mas eu sei que não foi. Foi amor e sincero:  
Tanto a amei, tanto a quiz, que ainda a amo e inda  
[a quero...

Capricho, coração, uma causa qualquer,  
Por que se quer e estima e se ama uma mulher...

Vocês hão de dizer: «Todo rapaz é assim,  
Fecha os olhos e diz serenamente: «Sim».

«Que lhe importa lá dentro o escravo coração  
Bata afflictivamente a reclamar que não?»

O amor prende, o amor céga, o amor faz o que quer,  
Fez-me, portanto, amar a primeira mulher.

Infelizmente, nem ella propria acredita  
Que se ame uma mulher que não seja bonita...

## COVARDIA

Minha senhora:

ha um mez, seguidamente quasi,  
Ando assim, sem saber definir-me, pensando  
Em como hei de dizer-lhe ao menos uma phrase.

Uma palavra só das multiplas com que ando,  
Numa inquieta e immortal farando!a, tecendo  
Filigranas de luz por onde vou passando...

Dil-a-ei? Não sei bem... Sei que me vai crescendo  
Cada vez a afflictão de enfim dizer-lhe um dia  
A razão de assim ser deste mal estupendo...

Cowardia, dirão. Dirá mesmo a alma impia,  
Renegada do amor, não haver mundo em fóra,  
Num moço coração, tamanha covardia...

E assim, ha quasi um mez de indecisões, Senhora,  
Minha alma, sem saber como expressar-se, estuda  
Como irá lhe exprimir quanto, em silencio, a adora.

E por sim não dirá... Entristecida e muda,  
Sua sombra andará dentro de mim, por entre  
Um silencio feral, nirvanico, de Buddha...

E se acaso, algum dia, eu sem querer concentre  
Minhas vistas nalgum calendario esquecido,  
— De doudas emoções secundissimo ventre —

Num gesto singular, o vulto incomprendido  
De minha alma dirá, pensando em si, talvez,  
Que ha millennios existe e, entretanto, vivido

Houverá, meu amor, seguramente um mez...

## REFLEXÕES SOBRE A POESIA

Assignalo com letras de ouro, no calendario da minha vida, o dia em que descubro um novo poeta.

Não é possivel, em poesia, fazer concessões ao vocabulario da logica. Para o poeta, como para o musico, o espirito não tem grande significação. O que conta, acima de tudo, é o dom da sensibilidade.

Paul Claudel é de opinião que os apparelhos de radio teriam podido salvar a poesia. Salvar a poesia de que? E que poesia? Si a poesia está doente a culpa é certamente dos maus poetas, ou da incapacidade dos *doutores* que se propõem a salval-a!

Affirma Jean Cocteau que a poesia imita uma realidade da qual o nosso mundo não possue senão a intuição. Como? O autor de *Opium* devia estar no anel de Saturno quando escreveu essa phrase. A verdadeira poesia não pôde imitar cousa alguma. A poesia que imita deixa de ser poesia. A grande poesia é, sobretudo, simplicidade e naturalidade: dispensa todos os symbolos, todas as imagens e todas as metaphoras.

No plano da poesia há logar para todas as cousas uteis.

Foi por acaso, quando tinha quinze annos, que encontrei a poesia no meu caminho. Só depois de muito tempo foi que soube o seu nome. Seus olhos eram azues. Seus cabellos eram azues. Seu vestido era azul. Datam dessa encontro a minha perdição e a minha felicidade.

A poesia é um mysterio que não se pôde traduzir, um enlevo que não se pôde explicar, uma fuga que não se pôde seguir, um deslumbramento que apenas se percebe.

A poesia é o unico negocio que não rende nada. Nós, os poetas, sabemos que nos arruinamos por ella e nunca nos corrigimos.

Abusámos tanto do vocabulo «moderno» que acabámos desfigurando o seu sentido exacto. Tudo hoje é ultra-moderno: o conforto e o estylo, o homem e a mulher, a vida e a poesia. Não admira, por consequencia, que tambem os octogenarios se considerem modernos. Meus avós, si fossem vivos, seriam modernissimos.

O que ha de mais logico e de mais interessante nos poetas super-realistas são os titulos das suas obras. Um livro de André Breton chama-se *O revolver de cabellos brancos*. Pierre Jean Jouve tem um outro que se chama *Suor de sangue*. Tristan Tzara baptisou uma das suas collectaneas de versos com o nome de *Indicador dos caminhos do coração*.

Ha uma definição de poesia que é quasi perfeita. Refiro-me á definição de Novalis: «A poesia é o real absoluto».

Amado Nervo tem razão quando louva, pela sua limpida linhagem, o velho e injustamente desdenhado *logar communum*: «A expressão dita por milhares de boccas é uma expressão que foi santificada. Cem milhões de boccas já disseram «Meu Deus!» e cem milhões de vezes o Eterno foi encarnado nesse grito. Milhares de boccas disseram «Eu te amo», e, ao dizer-o, engendraram cada vez o grande amor que fez do mundo um sonho!»

Tenho o firme proposito de abandonar o jardim encantado da poesia pelo bosque maravilhoso da philosophia. Resta saber si o conseguirei.

George Sand resumiu em duas palavras o problema do seu turbulento romantismo: o amor e a gloria.

Choro como si fosse uma creança quando morre um poeta. O desapparecimento, embora esperado, de Francis Jammes, me deixa inconsolavel. O grande poeta de Orthez foi o mais doce e o mais puro enlevo da minha mocidade. Sua poesia tem ainda hoje o dom de me transfigurar. Ella reconcilia, como observa Mauriac, a natureza e a graça. Jammes foi bem, durante toda a sua vida, solitaria e tranquilla, a imagem do menino castigado no lyceu «por olhar as flores durante as aulas de historia».

Pertenço a uma geração que não insultou os seus mestres. Por esse peccado não irei para o purgatorio.

A montanha me attrahe. Quanto mais alto me sinto, menos penso nos homens, nas suas acções interesseiras, nas suas miserias inconfessaveis, nos seus planos diabolicos. A montanha me afasta da terra e me approxima do céu. Cabeça ao vento que sopra, mergulho os olhos no Azul e entro na realidade da poesia.

As idéas nascem, vivem e morrem. Algumas triumpham e resistem longos annos. Outras surgem e passam, agonisando rapidamente. Só a idéa de Deus tem por limite a Eternidade. Só a idéa de Deus consubstancia a suprema poesia.

Da mesma maneira que ha na poesia de Baudelaire um rythmo hugoano, ha na poesia de Victor Hugo um accento baudeleriano.

A poesia é para o espirito o mais precioso dos alimentos. Quando leio um grande poeta esqueço que o mundo existe.

OSORIO DUTRA.

## O EVANGELHO DE VARELLA

*O Evangelho nas Selvas...* Título do poema e índice seguro de uma alma e de uma vida de poeta. Casam-se nesse, conjugados, os elementos essenciais da personalidade de Varella: a fé christã e a natureza.

Varella, grande Poeta do Christo e de seu servo Anchieta, foi um mystico peculiar: o Deus que enchia sua alma não era um espirito imponderavel e distante, isolado num céo inaccessible — era a Sabedoria presente no explendor do Universo. Teria, pois, de conceber nas selvas a lição do Evangelho — o verbo divino entre os deslumbramentos virgens das florestas da America.

Essa constante presença do mundo é que dá á sua lyrica o brilhante objectivismo, que, a um leitor menos attento, parecerá mera pintura. Ronald de Carvalho viu nesse «principalmente um de nossos melhores poetas descriptivos». Erro calumnioso. Se assim fosse teria sido «principalmente» um dos mais mediocres poetas. Descrever — é adstringir-se á realidade; e a verdade do artista é distante sempre da verdade vulgar. Varella não descreve, interpreta, porque o que lê no mundo é uma linguagem mystica.

Accresce que o seu mundo é um outro mundo. Para vê-lo assim foi que elle ergueu a cortina de fumo da embriaguez que lhe velou o trivial da vida e que, cada vez mais se adensando, virou o cerrado nevoeiro em que, extraviado, se perdeu. Num fundo de aquario indefinido e triste é que escutava os susurros da alma e avistava os rastros luminosos de Deus.

A vida do poeta explicaria talvez essa physionomia de seu espirito.

Luiz Nicoláu Fagundes Varella recebeu, a vida inteira, da natureza uma lição de fé. Com ella brincou desde o nascer, a 17 de Agosto de 1841, em Rio Claro (Estado do Rio), aprezzivel rincão do interior. Com ella balbuciou deslumbrado quando, aos onze

anos, palmilhou com a familia os mais selvagens sertões do Brasil, numa viagem accidentada até Goyaz. Ella ensinou-lhe mais que os mestres que teve em Petropolis ou em Angra dos Reis; muito mais que o caturra Dezembargador João Cândido, que em Nictheroy lhe lecionou philosophia e quiz negar-lhe a vocação clara de poeta. Com ella ainda completou a formatura que não concluira em S. Paulo nem no Recife — formou a alma. E com ella viveu sua breve vida, distante dos homens, perdido no matto, entre desertos que a illusão transfigurava e onde, com o alcool, visionou o celeste reino que em todas as horas o poeta busca em vão.

Poeta christão, Varella homem, era a viva expressão da humildade. A embriaguez não teve nesse torturado manifestações dionysiacas. O nazareno do poema, de barba loura e olhos azuis, tomou o vicio como crucificação.

O destino lançou-o na via trágica, o destino, derrocando brutalmente a felicidade pobre que acabara de crear. Uma moça simples, sua primeira esposa, nascida entre a gente anonyma e romanesca de um circo e um filho lindo em que a poesia por instantes viveu.

De regresso do Recife, onde fora estudar, depois de ter naufragado com o vapor *Béarn* nos Abrolhos, sua alma tambem naufragou... Mortos filho e esposa, não foi dahi em diante mais que a onda de que falla um seu critico — «onda que ha enovelar-se; perder-se e afundar-se no mar da criação». Abyssouse; e no lodo da desgraça profunda encontrou as perolas do sonho; e encontrou a morte.

Apontado erroneamente, pelo brilhante Ronald, como autor de transição para o parnasianismo, Fagundes Varella, ao contrario, foi a syncrese, o conjunto de todos os romanticos brasileiros. Ha nesse os rythmos de Gonçalves Dias, a ingenuidade singela de Casemiro, os surtos condoreiros de Castro Alves, o byronismo de Alvares, o mysticismo de Junqueira, a eloquencia de Porto Alegre e Magalhães e o sertanismo de Bernardo Guimarães.

Sua obra e sua vida contêm todos os bens e todo o mal do romantismo. O verso de Varella, muitas vezes grandioso, tem de outras os excessos e as negligencias dessa escola impetuosa. Elle mesmo o proclamou arrogantemente:

«*Lançae vossos preceitos e tratados  
A's chamas vivas de voraz incendio...  
Alma que sente, que se inspira e canta,  
Não conhece compendio!*»

Não lhe faltava, porém, a plastica verbal. Com inflexões interrogativas, exclamações, nuances, reticências alegrava elle a monotonia da velha métrica:

«*A casa era pequenina  
Não era? — Mas tão bonita*

*Acaba de aparecer em Edição ARIEL*

*um novo livro de*

**GASTÃO CRULS**

**HISTÓRIA PUXA HISTÓRIA**

(CONTOS)

com o seguinte sumário:

Contas brabas — Mãe d'Água — Arrependimento  
Meu sosia — Carta de outro naipes — A patativa  
Círculo da Gavea — Iniciação — O espelho  
Do outro lado — Fauna exótica — Fim de viagem

Pedidos à

**CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.**

RUA DO OUVIDOR, 94

RIO

*Que em teu seio inda palpita  
Lembrança della, não é?  
Queres voltar? eu te sigo,  
Eu amo o ermo profundo;  
A paz que foge do mundo  
Préza aos tectos de sapé.*

Os versos brancos, enjoativos e frios em outros autores, ganham accórdes diversos no harmonium inspirado desse mystico. Ressôam melódicos e puros, porque não vivem só do rythmo desherdado da rima mas da propria orquestração das palavras:

«... Minha esperança amargamente doce...»

Ou:

«... Por toda a parte em que arrastei meu manto  
Deixei um traço fundo de agonia...»

A's vezes apontava nelles instinctiva assonancia:

«... Sobre as flores dos sericos tapetes  
Mais ligeira que a leve borboleta,  
Mais bella que os espiritos errantes  
Que á noite brincam nos rosaes cheirosos,  
Ella volteia a doida bailadeira!»

Outras vezes, levado pelo senso auditivo, dissolve, nos decassyllabos fluidos, a essencia colorida da propria rima:

«... E tu tão jovem,  
Tão puro ainda, ainda na alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança...»

Com essa musica escreveu o artista este *Evangelho nas Selvas*, livro que, no dizer de um critico semi-pêias, Agrippino Grieco, faz delle, sem duvida «o maior poeta christão de nossas letras».

Como illustram o formoso evangelho as imagens ornadas, que são capitulares do missal! Veja-se ao acaso:

«... A madrugada  
Vinha nascendo lucida e serena,  
Bella como a illusão de um bello tempo,  
Como um sonho da infancia entre as tristezas...»

(Canto I — XL)

Ou estes volteios de Salomé no Canto IV:

«... Offegante por jím, extenuada,  
Fazendo ultimo esforço e mansamente  
Cáe, petala de rosa, aos pés de Herodes...»

Com que simplicidade decorativa Varella ás vezes modéla suas aéreas esculturas de poeta:

«... Musa christã! Desprende lacrimosa  
sobre o collo de neve as tranças de ouro!»

E nem faltam ao cantor rajadas de epopéia, como quando, no canto IX, evoca a Ressurreição:

«... Tres dias e tres noites pavorosas  
Sobre a lousa do tumulo passaram;  
Tres dias e tres noites de mysterio  
Os segredos cobriram de alem mundo.  
A vida e a morte combatiam surdas  
no silencio e nas trevas do sepulcro.

Um jorro immenso de brillantes luzes  
Bateu na lisa face do rochedo...  
Os quadrilheiros hirtos, assombrados,  
lividos de terror, no chão cahiram...  
..... Agitaram-se os passaros nas brenhas

..... Dois bellos anjos,  
Radiantes de graças inefaveis,  
Desceram das esplendidas alturas,  
Afastaram a pedra do sepulcro,  
E Christo appareceu! O grande Christo!  
O Christo soberano e glorioso,  
Filho de Deus e Salvador do Mundo!»

O dia 18 de Fevereiro de 1875 é o de sua morte. Mas um jorro de luzes

«bateu na lisa face do rochedo...»

A Poesia accendeu a lampada no tumulo. E arderá em láus-perenne pela pobre alma, que achou Deus na harmonia...

MURILLO ARAUJO.

### O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

## ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS Á

Civilização Brasileira S/A

Rua do Ouvidor, 94

RIO DE JANEIRO

## FOLK-LORE VEGETAL O MATTE E SUAS LENDAS

### 1.<sup>a</sup> Lenda

Apparece no lendario brasilico um «pae Sumé» — branco, conhedor de muitas lavras, que aos indios ensinou varias applicações do milho, da mandioca, etc. E como surgiu, desappareceu, mysteriosamente.

Deram os jesuitas a esse homem o nome de São Thomé ou São Thomaz, que não consta terem nunca abordado a essas plagas americanas.

Ha quem acredeite ser São Thomé o descobridor da herva maravilhosa. Certa vez, procurando catechisar uma tribu arredia refractaria ao seu convivio, pegou num punhado de folhas de *caa* que os aborigenes sabiam venenosas, collocou-as ao alcance do calor de uma fogueira e, em seguida, com ellas, preparou uma infusão perfumada que deu, após bebel-a, aos presentes para que a bebessem tambem. Este milagre converteu a tribu e emprestou á planta algo de sobrenatural.

### 2.<sup>a</sup> Lenda

Como ainda hoje succede á gente super-civilizadissima, os autochtones criam nos pagés, nos seus feiticeiros que, das propriedades vitalizantes da herva, se aproveitavam nas suas scenas de bruxedo e magia.

Os pagés foram informados das qualidades da herva-matte por Anhangá, com quem tinham grandes laços de amizade.

A' guisa de senha ficou assentado entre elles que todo aquelle que quizesse um «rendez-vous» com Anhangá no portão do inferno, devia beber um pouco do infuso da aromatica herva.

E assim com origens em pontos diametralmente oppostos, surgiu a herva-matte, a «yerba» dos castelhanos, a *caa* dos selvicos. Para quem a aprecia nasceu a planta nos jardins de Jeovah; para os que lhe não gabam o gosto, junto ás caldeiras de Pedro Botelho.

### 3.<sup>a</sup> Lenda

Deus vagava pelo sertão acompanhado de São João e São Pe-

dro — seus dois apostolos predilectos.

Chegados ao terreiro de uma velha choupana bateram, e foram recebidos por um ancião que tinha a illuminar seus dias os olhos mimosos de sua filha.

Foram os recem-chegados acohidos com ternura e do pouco que tinham os donos da casa repartiram por todos. A gallinha unica que cacrejava no gallinheiro foi immolada em honra dos hospedes...

Deus, vendo tanta bondade no coração da menina, transformou uma arvore qualquer que frondejava junto á cabana num pé de «yerba». Ensinou á mocinha como deveria usal-a e elegeu-a sua protectora. Desta lenda nasceu a personagem *Caa Yara* — uma deusa loura que vaga nos hervaes amparando os que trabalham na elaboração do matte.

Dizem que Caa Yara castiga com morte tragica a todos os que abandonem a faina dos hervaes em busca de nova profissão.

### 4.<sup>a</sup> Lenda

Com o matiz com que os incolas pintam suas lendas, fizeram o matte nascer de um bravo e velho indigena que morrera apôs pelejar ruamente com uma onça.

Pela selva espessa, corriam Yacy e Aray — duas jovens formosas — despreocupadamente, nas trilhas abertas pelo pulso vigoroso dos selvicos.

Em Yacy viam os guaranys a lua metamorphoseada em loura e encantadora mulher que se fazia acompanhar, sempre e sempre, de sua companheira Aray — a nuvem trasmudada em uma donzella mais branca que o marmore de Carrara.

Doidejavam pela matta, alegres como dois colibris amorosos e contentes da farta colheita de mel feita nos corações das flores...

Subito surge, a passos lerdos e firmes, um enorme e solerte yaguaretê. Rondava as duas virgens, como a Morte em torno do leito de um moribundo.

Preparava, com toda a technica felina, o golpe fatal. Encolhera-se,

## EVASÃO

(Para Lydia de Alencastro Graça).

*Viveremos sempre neste quadro que meu espirito pintou.  
A sua moldura dourada será um limite  
que jamais poderá ser ultrapassado por nós,  
por nós que estamos presos por fios invisiveis e fortes  
que nos acorrentarão como se fossemos prisioneiros  
de algum navio que nem eu nem tu sabemos se existe.*

*E depois,  
talvez as correntes marinhas nos prendam  
em algum mar desconhecido de onde será impossivel uma evasão,  
tão impossivel como será impossivel nos evadirmos da moldura  
dourada  
do quadro que meu espirito pintou.*

*E as flores marinhas haverão de desabrochar no fundo do mar,  
como desabrochou o amor de Katinka pelo marinheiro desconhecido  
que partiu para não mais voltar,  
que talvez tenha ficado preso no quadro que meu espirito pintou,  
neste mesmo quadro em que eu e tu agora estamos vivendo  
sem esperança de uma possivel evasão.*

DEOLINDO TAVARES

retesara os musculos, firmara-se nas pernas trazeiras que funcionam á guisa de catapulta, e estava prestes a lançar-se no espaço...

Annuncia a sua presença com fortissimo urro. Esse rumor inesperado quebra a alegria daquelle folgado e, transidas de horror, as donzellias ficam presas ao chão, tontas, pasmadas, sem uma attitude.

No momento mesmo em que, no ar, a fera se esticava com o limite maximo do impulso que trouxera, de traz de um tronco um velho incola a enfrenta com o arco rete-sado e flexa armada.

O bravio animal volta a sua ira para o intromettido, que, sem perda de tempo, desfere o golpe que premeditara.

Do mesmo modo que o monte de carne movido por forte corrente electrica, o corpo da fera rola pela relva, enquanto seus berros de dôr e odio echoavam pela mattaria sem fim.

Pode o odio mais que a dôr e, de um salto, levanta-se a furibunda onça, desfecha, atira-se sobre o velho bugre.

Não contava este com tão rapida reacção e nem tempo teve de armar novamente seu arco.

Se bem que velho, o aboricola tinha a flexibilidade de um athleta grego; esquivou-se do animal mal ferido, agachando-se a alapardando-se por entre os troncos agigantados das arvores até que conseguiu acertar firme golpe de dardo em pleno coração do adversario, na occasião em que elle passava, de salto, por sobre sua cabeça.

Fugiu mais uma vez a fera — gritos de agonía, berros de quem se despide deste mundo protestando. Torceu-se assim mesmo, como torcemos um pedaço de cipó. E morreu deixando a deusa e seu salvador em plena paz do Senhor.

Não teve tempo de falar ás duas beldades por quem se batera, por terem desapparecido quasi ao terminar a dura refrega.

O esforço fôra anormal para as forças de suas fibras já avelhantadas. Sentiu necessidade de um repouso reparador.

Procurou uma clareira e, em macio colchão de folhas cahidas, deitou seu corpo cançado.

## Um inédito de Fagundes Varella

Os dias de minha vida  
Passão como as seccas folhas,  
Como as tenues leves bôlhas  
Que no nar desmancha o vento;  
Crebos, lugubres martyrios  
Vergão-me a fronte cansada,  
Mas em minh'alma inspirada  
Resplandece o pensamento.

Grossas grades, altos muros,  
Sicarios sem consciencia  
Cercão-me a triste existencia  
Neste carcere cruento.....  
Loucura! A' luz das espheras  
Meu espirito altaneiro  
Percorre o universo inteiro  
Nas asas do pensamento!

Fragil, precario composto  
De pesada e vil materia,  
Succumbe o corpo á miseria,  
Se aniquilla ao soffrimento;  
Porem mais viva e mais bella,  
Nos supplicios acendrada  
Brilha a essencia immaculada  
Do invisivel pensamento!

Miseraveis que julgastes  
Entre amarguras immensas  
Affogar-me as santas crenças  
Aviltar-me o sentimento,  
Vinde, escravos da mentira!  
Levitas de escuros erros!  
Cobri, se podeis, de ferros  
Meu soberbo pensamento!...

Mal cerrou os olhos começou a sonhar com as branquissimas raparigas que vira momentos antes. Foram dessa vez mais comunicativas, chegaram-se a elle com carinho e, deixando ver, na abertura rubra das boccas lindissimas perolas, disseram-lhe quem eram e prometteram-lhe uma surpresa ao acordar. Fizeram espoucar do chão uma árvore já grande. Ensinaram-lhe o modo de usar suas folhas que devem ser tostadas ao fogo, por quanto ao natural, isto é verdes, são venenosas.

E assim surgiu a herva-matte, que representa a força do yaguareté vencido, e a bravura do velho selvicola vitorioso. Em suas folhas leva ao humano que a procura a energia que em si encerra.

LIMA FIGUEIREDO.

Irmãos, um sopro de morte  
Mirra a patria liberdade!  
O genio da iniquidade  
Pisa um chão rubro, sangrento!  
Pelas trevas espalhados  
Os agentes da impostura  
Buscão, em vão, na tortura  
Cruciar o pensamento!

Sobre os campos devastados  
Chorão servos aos milhares,  
Erguendo tristes olhares  
Ao nublado firmamento!...  
A horda vil dos tyrannos  
Nos terrores oppressivos  
Fé nos cerebros captivos  
Tem medo do pensamento!

Não ouvis as horas mortas  
Esse vagos murmúrios  
Que passão nos ventos frios  
Pelo espaço nevoento?  
Essas estranhas cantigas.  
Esse quebrar de cadêas,  
Esse vendaval de ideas  
Que faltão no pensamento?

São as orgias das larvas  
Nos sombrios cemiterios,  
São brindes loucos funereos  
Sobre o chão pulverulento!  
São tripudos de esqueletos  
Carregados de correntes  
Que celebrão dos viventes  
O revolto pensamento...

Rugi sequazes infames!  
Verdugos ebrios de sangue!  
Da patria cahida, exangue,  
Sobre o corpo macilento!  
Porem cuidado!... Nas trevas  
De vossos broncos castellos  
Crescem os negros cabellos  
Do Sansão do pensamento!

**Edição Ariel**

**SEM RUMO**

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

# Artes Plásticas

O «SALON» BRASILEIRO — 1938

Penso que o valor final da pintura, antiga ou moderna, não depende das escolas que a produziram e produzem, mas do poder innato e pessoal do artista. E isto dito, posso analysar o «salon» de 1938, o primeiro que contemplo desde que desapareceu Gonzaga Duque, o critico admiravel que era capaz de chamar a attenção até dos carregadores do Mercado Novo para as nossas exhibições, cujas criticas de pintura estylizada do *Kosmos* ficaram sem rival no nosso paiz. Não digo que deixasse de frequentar o salão por esse motivo exclusivo, porém, o que decerto me impidiu de visitá-lo todos os annos foi a minha longa ausencia do Brasil.

Mas, no estrangeiro, a pintura sempre foi uma das minhas pre-occupações e visitei regularmente, na Europa, a Biennale de Veneza

e as exhibições officiaes e privadas de Paris, Vienna e Berlim, e na America, as Galerias de Nova York e Washington.

Foi justamente na America, em 1930, que tive a dor de verificar a pobreza da nossa arte retardataria, como representante do Brasil, e, como artista, quando Sebastião Sampaio arranjou para Nova York e Baltimore uma exposição de arte brasileira. Em Baltimore, onde dirigia eu o Consulado, assisti a Comissão de eminentes criticos dar o 1º premio de pintura sul-americana a um argentino, o 2º a um mexicano e a menção honrosa a um uruguayo, enquanto aos poucos pequenos quadros do Brasil, um soffrivel Osvaldo Teixeira, nosso actual Director do Museu de Bellas Artes, um pessimo O. Belém, e um impossivel Levino Fanzeres foram collocados no porão do museu. Que lá fossem collocados em deposito, vá, mas estavam em exposição, pois a grande quan-

tidade de expositores obrigava a aproveitar os baixos do edificio. Claro que fiz o meu protesto, obrigado a explicar com um artigo pelo *Baltimore Sun* que o Brasil dispunha de artistas de merito, mas que uma exposição organizada sob o patrocinio de um homem que não entende de arte como o nosso Ministro em Praga e sem um jury seleccionador no Rio, o resultado era a má escolha dos quadros ali presentes, que não exprimiam a nossa cultura artistica.

Vejo agora que me enganei. Oito annos depois o «salão» nada apresenta de artistico, porque pintura não é emplastar telas com a massa dos tubos mais ou menos dosada e colorida. Pintura é arte e fóra da arte não ha pintura. No salão actual não faltam pintores, mas faltam artistas. Dizer que ha ali obras artisticas ou mesmo revelação de artistas é o mesmo que dizer que o novo Cinema Primor da Rua Larga é architectura.

O quadro premiado com a viagem á Europa é o melhor, mas não poderia o Sr. M. Constantino, com o seu innegavel talento, ser mais original e dar-nos uma composição brasileira e colorido emotivo, em vez da *Tentação* de Santo Antonio ou qualquer monge ali representado, sem imitar tantas outras «tentações» com as mesmas fantasmagorias tetricas e sedicias do *Fausto* de Max Reinhardt?

Eu o aconselharia a pedir que lhe dessem uma viagem ao Canadá, onde os pintores de um paiz em certos aspectos de paisagem e fauna identico ao nosso, têm revelado uma arte naturalistica admiravel, motivos originaes de agua, montanhas, animaes e flora com perspectivas, pigmentos, coloridos, de aspectos daquelle paiz.

Dous outros quadros, um, creio que de O. Teruz, premiado com medalha de prata, um nú, ou melhor, duas figuras, sendo a de uma mulher deitada sobre um panno azul celeste com flores de prata, de magnifico brilho e frescura e a paisagem do fundo no classico marrom sépia dos mestres florentinos, denota o mesmo conhecimento tecnico do Sr. M. Constantino, mas tráe o processo vulgar de copia de Botticelli, Fra Lippo Lippi e mesmo Ticiano, tal a «Virgem Ajoelhada» de um, com manto azul e

## AGUA

*Sempre assim liquida e prateada eu te vejo, eu te contemplo, ó agua, sempre cantando, sempre arrastando dentro de ti revelações de coisas*

*que já deixaram de ser, e sementes de coisas que ainda vão germinar. E o céo e a lua tambem te olham e te admiram.*

*Eu tenho uma immensa vontade de penetrar em ti e de me deixar levar como a flor, a pedra, as mós e os braços dos corpos que foram destruidos por ti!*

*Aqua, agua, lagôas, rios, oceanos, abysmos liquidos tão suaves! [Como*

*me attrahe a tua molle consistencia, a tua cõr azul, verde, branca, prateada, a tua canção, o teu rythmo!*

*Aqua, agua, como me sinto presa a teus mysterios iniciaes, à tua infancia no Genesis, a teu abandono absoluto ao sopro do Grande Espírito!*

*E como sinto, aqua, as tuas indecisões nas vagas que vão e veem e teus desesperos contra os rochedos eternos creados antes de ti! Depois me entristeço vendo tua corrupção nos caes, servindo ás cloacas, estagnada e suja!*

*Mas logo te redimo e te irmano a meu destino nesta ancia de [renovação e de movimento que é a minha sorte e é a tua sorte, aqua!*

LYDIA DE ALENCASTRO GRAÇA

franjas de ouro, sobre fundo castanho, e «Amor celestial e terrestre» do outro (Galleria Borghese-Roma). Ali eram Madonas, envoltas de mysterio e santidade, como visões de um sonho, que desabrocharam como uma primavera de arte dos annos quatrocentos e quinhentos, com Andrea, Cimabue, Giotto, Fco. Fiorentino, L. Lippi, Raffaellino del Garbo, Ghirlandaio, Lorenzo di Credi, Andrea Mantegna, Da Vinci, Alessio Baldovinetti, Pietro Perugino, Del Verrochio, etc. enquanto que aqui é a arte pagã, o nú venusino na volupia das formas.

Eu não me animaria a tratar deste assumpto, se, vendo desertos os salões da Escola de Bellas Artes, não fosse procurar a causa de tamanha indifferença do publico. Em primeiro lugar o ambiente physico é desfavoravel e os quadros na sua maioria, estão expostos num salão sem ar e callido, o que é natural devido a estar completamente fechado por longas vidraças por onde se cõa uma luz intensissima, impropria para os angulos visuais de que se possa apreciar as telas. Creio que taes vidraças são fixas por construcção propria e não seria possivel abril-as, mas não sei por que motivo não são elles revestidas de pannejamentos que permittam graduar a luz. Quanto ao moral, não sendo as obras expostas de valor, por annos e annos consecutivos, talvez essa indifferença se justifique. Ora, nos Estados Unidos o desenho é ensinado em todas as escolas publicas, assim como existem 160 museus e as galerias particulares, que são franqueadas, de vez em quando, ao publico, como as de Mellon, Frick, Bache, Huntington e outras menores. Além disso o Goevrno emericano, somente em 1934, gastou 17.000.000 de dollares com commissões artisticas e emprego de artistas.

Que tem feito o Governo brasileiro nesse sentido, aqui?

E os directores da Escola de Bellas Artes, quando tentaram elles organizar exposições de emprestimo das obras primas da arte europea, flamenga, italiana, hespanhola, ou franceza, de acordo com as Embaixadas, mediante garantias de transporte e seguro?

A ultima exposição, na capital franceza, dos classicos italianos de

## RESIGNAÇÃO

*A J. M. Brickmann*

*São duros e longos os caminhos no mundo  
e a morte no fim todos espera;  
a morte tão fria e alongada,  
enfeitada de cravos vermelhos,  
de sangue da cõr da paixão.*

*São longos os caminhos e tristes as veredas.  
A cabeça me pesa e os peccados são tantos.  
São tantas as faltas e os erros tão grandes,  
e a esperança murchou em meu cesto de flores.*

*Ai dos que não puderam entender  
o segredo e o mysterio dos gestos ridiculos;  
a humildade e o lyrismo dos pobres,  
dos cães inermes e das creanças famintas.*

*A serenidade e a poesia, senhor, não amam as invocações.  
Ellas descem de ti insensivelmente e sem intenções.*

*Quero chorar e restar inutil  
e acceitar puro teus offerecimentos invisiveis.*

*O silencio me fez sincero  
E eu accetto a poesia e soffrimento.*

HENRIQUE CARSTENS

1400 a 1700 foi um grande sucesso, que teve a sua influencia até na moda, donde os modelos de chapéos em arco dos anjos e virgens de Botticelli e Fra Lippo Lippi, as robes coloridas de Ghirlandaio e Baldovinetti, as sandalias, mantos e véos das «Madonas» florentinas, romanas e venezianas que os costureiros de Paris copiaram tão fielmente.

Organizou-se, agora, em Nova York, uma exposição de arte primitiva americana, de 1738 a 1820, e 1836 a 1910, onde podem ser apreciados West, Trumbul com seus quadros historicos; Homer, Birmingham, Eakins e Inness; o admirável Sargeant, cuja ultima tela «The Three Graces», foi comprada em 1924 por 90 mil dollares . . . (Rs. 1.000.000\$00).

E a nossa pintura, escultura, etc., que noção podem ter della os artistas noviços e o publico, sem exposições, como por exemplo das obras do Aleijadinho que tivessem ficar ao alcance dos nossos olhos aqui no Rio de Janeiro. Então, não podem ser removidas, suas estatuas, mesmo as portas das igrejas, tirando-se, pelo menos, mode-

lagem em gesso das talhas que não fosse possivel destacar das ogivas e dos altares das igrejas de Minas Geraes?

Criticar por prazer é absurdo. E eu o faço com pezar, porém, no intuito de animar a eclosão de verdadeiros artistas no Brasil, onde ha pintores de merito, mas desenganados, produzindo automaticamente, sem o fogo da arte verdadeira, que é um prazer para os olhos e para o espirito.

E esses vão permitindo a promiscuidade nefasta dos mediocres, com o falso senso de que é preciso animar mesmo com premios imerecidos e elogios injustos. Basta um salão com dez quadros, mas que sejam de verdadeiros artistas, um salão de qualidade, e que assim possam tambem ser vendidas as telas, como no passado.

VINICIO DA VEIGA.

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

## LATINIDADE MEDIEVAL

Um aspecto pelo qual, certamente, ainda não foi encarado o livro do Professor Rebello Gonçalves, *Philologia e Litteratura*, é o da rehabilitação do Latim Litterario da Idade Media.

Em seu profundo ensaio: *Lettras Classicas*, o illustre philologo portuguez combate a communissima mentalidade dos que fazem do «classico» um synonymo do «correcto» em relação ao Latim.

E' aquella mesma mentalidade, para a qual, é necessario deixar falar Ernout: «Les Grammaires en usage dans nos lycées et collèges reposent tout entières sur la notion du correct (c'est-à-dire du classique) et de l'incorrect (anté-on pôstclassique). Cette distinction, tout artificielle (grypho nosso), peut avoir son avantage au point de vue pédagogique, et pour un enseignement élémentaire; mais elle reduit l'étude de la langue à celle d'une période en deça et au dela de laquelle il n'y a que barbarie». (*Morphologie Historique du Latin*, Ernout, Paris, 1935, p. XII).

Elle sabe, e com autoridade de mestre, censurar o exagero erasmiano do «modelo unico» assim como o que chama «obcessão» de Cicero na prosa e de Virgilio e Horacio na poesia.

A respeito deste conceito estreito de «bom latim» cita até Rebello Gonçalves o italiano Felice Ramorino, que manda abandonar «só perante o impossivel», os modelos Cicero e Cesar.

Para mostrar a vitalidade do Latim, vê o professor de Coimbra tres latinidades: a classica, a medieval e a humanistica.

O nosso escopo é assignalar a segunda das latinidades, porque ninguem, felizmente, tentou negar as duas outras, sobretudo, o esplendor do latim classico, expressão total da Antiguidade.

O Professor Rebello Gonçalves se enfileira entre os rehabilitadores da Idade Media, no sector philologico, sem preocupação religiosa, á semelhança de Durkheim, no sector educacional como accentuava o Snr. Teobaldo Miranda, em recente artigo da *Columna do Centro*.

E, nesse sentido, sua actividade é realmente practica, porque diz com orgulho, em seu precioso ensaio,

ter tido o «felicissimo ensejo» de «instaurar no seu programma (refere-se á Faculdade de Letras de Lisboa) o LATIM MEDIEVAL e o latim do Renascimento.

Seu conceito, todavia, sobre a medieval idade, não fica apenas circumscreto á especialização philologica, o traductor da *Simonides* de Amorgo vae á cultura em geral e cita, a propósito, um artigo de Jacques Boulenger, na revista *Humanisme et Renaissance*: «Le vrai siècle de la Renaissance», em que o autor frances considera o verdadeiro Renascimento anterior ao quattrocentismo, pensamento este desenvolvido por Berdiaeff, em *Le nouveau moyen âge*.

E' natural que elle distinga na latinidade medieval a influencia da antiguidade latina e cita a respeito um trecho de Santo Agostinho sobre o Hortensius de Cicero:

«Ille uero liber mutauit affectum meum, et ad te ipsum, Domine, mutauit preces meas, et uota ac desideria mea fecit alia. Viluit mihi repente omnis noua spes, et immortalitatem, sapientiae concupiscebam aestu cordis incredibili...»

Mas elle vê, tambem, o interesse autonomo da latinidade medieval, com physionomia propria:

- a) — no pensamento christão;
- b) — na erudição escolastica;
- c) — na litteratura lendaria, fabulosa e romanesca de canções como a de Rolando, litteratura que existiu em varias partes da Europa e que, como accentua o grande erudito lusitano, é inseparável, «pelo

conteudo de uma correspondente litteratura de lingua racional».

Para aquelles que se interessam pelo estudo da idade mais fertil e mais profunda da historia, será edificante ler o que diz o Professor Rebello Gonçalves, quanto ás publicações da Alemanha, Inglaterra e França, em que a latinidade medieval, segundo sua expressão, tornou-se uma «curiosidade devota».

E cita a doutora Helen Waddel, notavel latinista ingleza escrevendo livros, que, só pelo titulo, dão o «testemunho bem actual de quanto vale a segunda latinidade». *A book of medieval Latin for schools*, (anthologia de prosa e verso), *Medieval Latin Lirics* (poesia) e *The Wandering scholars*.

O latim, assim considerado, passa a ser, como deve a expressão da historia do Occidente, porque a latinidade classica está viva ainda em nosso pensamento, que é em grande parte grego e em nossas instituições fundamentaes que são romanas; a latinidade humanistica é a expressão dos tempos modernos, que começaram com o Renascimento e o individualismo com todos os seus males e alguns dos seus bens e, finalmente, a expressão de uma Vida verdadeira, que foi medieval, mas que é eterna, no Christianismo, que não morre, e na Escolastica mais nova do que nunca.

Esta parte do ensaio do Professor Rebello Gonçalves tem o mérito de, como scientistia honesto, mostrar, com os de sua familia, Ernout, Meillet, etc., que as linguas apenas evoluem... e que a expressão «fazer frio» por exemplo, que se encontra em Santo Agostinho, jamais se encontraria no latim classico, e que, nem por isso, seria «mau latim».

Para aquelles, porém, que se interessam apenas do ponto de vista de uma Idade Media, diferente da dos historiadores do Seculo XIX, o estudo sério da latinidade medieval mostrará que se não deve envergonhar de um latim de uma epocha e que, se esta epocha foi grande, é mais um argumento a favor do estudo do latim, que é expressão de tres ricas latinidades.

ORLANDO CARNEIRO.

**Edição ARIEL:**

CYRO MARTINS

# SEM RUMO

Novella Gaúcha

—♦—  
EM TODAS AS  
LIVRARIAS  
DO BRASIL

## “TENDRESSES MORTES”

«... J'aime qu'une oeuvre de femme soit féminine. *Tendresses Mortes* n'est que tendresse et douceur, un vrai livre de femme». — Estas palavras de Colette, incisivas e claras, marcam, com autoridade e precisão, a expressão fundamental da poesia lírica que Béatrix Reynal oferece na collectanea *Tendresses Mortes*.

Os olhos encantados do poeta, nessas páginas tressalantes e frescas, apenas fitam os caminhos que lhes mostra a memória enterneida debruçada sobre os dias bons ou máos que já passaram.

As paizagens da infancia transformam a physionomia grave da alma que se recorda de dias ensolarados e ruidosos, sob o céo azul da Provença que inspirou este poema sobre Arles:

*Arles, chère cité!  
Berceau de mon enfance,  
Vergers ensoleillés.  
Et le ciel bleu de Provence...*

*Ville d'Art et d'Histoire,  
Légendes du Passé...  
Saint Trophime notoire,  
Aux vieux murs lézardés!*

*O campagnes fertiles  
Et tristes Alyscamps...  
Rossignols juvéniles  
Qui chantiez au printemps!*

A Provença de Mistral é imagem constante na memoria do poeta: campanarios, fontes antigas, raparigas risonhas, cigarras rumorosas, pastores meditabundos, moinhos, sebes floridas pelos caminhos, madrugadas da «doce primavera que acaricia os castanheiros em flor», «ruas silenciosas em que Mireille passou».

A Provença será, por todos os tempos, fonte inalteravel de poesia e de lyrismo. O vulto patriarcal do cantor de Mireille vale pela expressão de uma colmeia activissima de poetas, de poetas novos e de velhos poetas, que confraternizam em congressos litterarios, celebrando as glórias antigas e as modernas glórias do Languedoc.

A poesia que fala da infancia será talvez, a mais difícil de todas. Evocar esses dias iniciaes da vida, em que tudo é sonhe e em que tudo é deslumbramento, não é jamais facil tarefa para um poeta. Cremos que Béatrix Reynal encontrou, para narrar esses momentos da innocencia e da alegria da meninice, singulares fórmulas líricas em que a inspiração se revela de modo definitivo.

Não ha poema seu que não possa ser transformado em canção, que não possa receber um suave acompanhamento musical, que lhe interprete sem trahições a essencia palpitante da inspiração:

*J'ai écouté une chanson  
Qui me rappelait ma jeunesse,  
Et des clairs matins la caresse.  
— C'était une belle chanson.*

*J'ai vu frémir les épis blonds,  
En parcourant la prairie verte.  
Toutes les fleurs étaient alertes,  
— C'était une claire chanson.*

*Et comme dans un long frisson,  
Le vent à travers la rature,  
Parla d'amour dans un murmure...  
— C'était une douce chanson.*

*Puis, lentement, un violon,  
Dans la nuit bleue, claire et sereine,  
Pleura en racontant sa peine...  
— C'était une triste chanson.*

*Alors, je dis aux beaux vallons:  
Soyez témoins que l'heure est brève.  
Ici-bas, hélas! tout s'achève,  
Même les plus belles chansons.*

Não ficam nisso, porém, as tendencias líricas desse volume de versos. Nem apenas a infancia domina as recordações do poeta. Horas felizes e horas amargas da adolescencia são evocadas em versos densos de emoção. E, então, mais que nunca, nesses poemas em que os caprichos e os contrastes do amor transparecem em atmosphera de doces lembranças ou de veladas queixas, o poeta surge-nos em toda a expressão de sua arte, para transmittir uma mensagem nova e pullulante de beleza, que faz de *Tendresses Mortes*, como o disse Colette, «un vrai livre de femme».

Em poucos versos, correntios e rápidos, os dramas angustiosos de um coração afflicto são traçados sem pedantismo nem torturas verbais, como nestes tercettos impressivos do poema «Que m'est-il resté?»:

*Des rêves de mes jeunes ans,  
Des parfums de chaque printemps,  
Que m'est-il resté?*

*Des matins clairs, des soirs heureux,  
De tout ce qui charmait mes yeux,  
Que m'est-il resté?*

*De tous mes projets de bonheur,  
De mes tristesses, de mes pleurs,  
Que m'est-il resté?*

*Enfin, des joies des anciens jours...  
De mes illusoires amours...  
Que m'est-il resté?*

Em poesia, a emoção é tudo e tudo vale. Em *Tendresses Mortes*, livro tecido de emoção funda e viva, a belleza é permanente e provém de fontes puríssimas. Esse caracter inconfundivel gerou o sucesso do volume junto aos melhores meios culturais da Europa — e deu nascimento ás palavras significativas de Colette, que equivalem á mais definitiva consagração.

DONATELLO GRIECO

## O Problema Fundamental do Conhecimento

*O Problema Fundamental do Conhecimento*, de Pontes de Miranda, foi pouco commentado. Não provocou o ruido que soem despertar o romancezinho da moda, o ultimo samba, o campeonato de futebol. Silenciaram este acontecimento. Tambem não podia deixar de ser assim, entre nós são raros os que se ocupam com as coisas do conhecimento desinteressado. São poucos os que sentem a ansia de penetrar e explicar o fundamento das coisas. Inteiramente libertado de Miranda quer aprehender no sujeito que conhece e no objecto conhecidos os factos que o conduzem a uma explicação objectiva dos «universaes», nos quaes se resumem todas as controvérsias e dificuldades que têm perturbado os estudos do conhecimento.

Afastando como perturbadoras as premissas do idealismo e do realismo, passando em revista as tentativas modernas de solução e dispensando-as igualmente por falhas e deficientes, elle inicia o estudo dos «universaes» com a serena imparcialidade dos methodos scientificos. E encontra o *jecto*, isto é, a essencia do objecto, não independente deste como queriam os idealistas ou deste sómente dependendo como pensam os realistas, mas, sim do sujeito e do objecto trazendo seus traços caracteristicos. Entre o conhecimento sensivel e o conceito elle interpõe o *jecto* que se extrae ao objecto no acto da percepção, o qual cada vez mais se debastando de «*sub*» e de «*ob*» pelo trabalho methodico dos sabios se torna tão fino que até nos dá a illusão de serem partes do nosso espirito, taes as categorias de Aristoteles, de Kant, as idéas innatas de Descartes.

A logica moderna se enriqueceu com os conceitos relacionaes equiparados aos substantivos e adjetivos. A relação tambem se colhe no acto do conhecimento, não preexistente a elle como categoria do espirito, e assim ella lida com as preposições, os adverbios e os verbos da mesma maneira com que se serve dos substantivos e adjetivos.

Pontes de Miranda, exprobando a Husserl os vicios de uma theoria descriptiva do conhecimento, desce á genese da percepção para che-

gar ao conhecimento, baseando fundamentalmente na psychologia a sua gnoseologia. Não se pode mais admitir uma theoria do conhecimento sem raizes na psychologia.

O conhecimento da criança e do primitivo é por elle analysado, pois é da origem que se deve partir em todo estudo das estructuras da consciencia humana. As suas paginas sobre o mecanismo da percepção deveriam ser trasladadas para os tratados de psychologia. São estudos dos quaes ella necessita para se habilitar ao desempenho da alta missão de orientadora das demais sciencias. Ella está na base de todas as outras. Dia a dia se alarga o conhecimento de nós mesmos, do sujeito cognoscente com os seus sentidos verdadeiros os julgamentos das coisas que nos rodeiam. Não podemos dizer antecipadamente se somos isto ou aquillo, se as coisas são isso ou aquillo. Observemos primeiramente as coisas e nós mesmos como coisas também, já que a nossa consciencia tem o poder de observar-se a si propria. Convençamos-nos de que tudo que conhecemos não se acha chimicamente puro, traz consigo muitas impurezas, as deficiencias do observador e as escorias do objecto. E é nesta depuração que está o progresso do conhecimento, da sciencia que vai derramando luz sobre as coisas obscuras, despojada da certeza dogmatica que impede ou limita a investigação.

Não haverá mais lugar para o sceptismo nem theorias approximativas, pois que este só tinha razão de ser no tempo da verdade substantiva. Para a philosophia scientifica não ha verdade absoluta, ha preposições verdadeiras sobre coisas da experienzia. Sem a idéa geral (*jecto*, essencia, universal) ficariamos no empirismo do conhecimento sensivel. De que maneira chegamos á idéa geral, á appreensão do universo no particular, eis uma questão secular que recrudesce em varias épocas. Tomou alta significação na idade-media com a chamada «Questão dos universaes» que deu origem ao nominalismo, ao conceitualismo e ao realismo como solução á transcendentel questão. O realismo não merece a consideração da sciencia, é metaphysico, mas

o nominalismo anda a par com a inducção scientifica; a idéa geral é um nome que damos áquillo que, observado em diversos objectos, constatamos a sua semelhança.

E' de Pontes de Miranda o golpe desferido, do sector da sciencia contra essa concepção do universal. Husserl tambem já havia atacado, mas no plano da phenomenologia, nome que deu a uma theoria do conhecimento inteiramente descriptiva: para captar-se a essencia de uma coisa basta experimental-a em uma só vez. Apprehendida, ella passa a independe do sujeito e do objecto, vale como idéa. O «-jecto» de Pontes de Miranda traz o hyphen que relembr a sua ligação com o sujeito e o objecto. O -jecto sem hyphen, diz elle, isto é, a coisa em si, só poderia se dar se os homens, como os mamutes, desaparecessem da face da terra. No conhecimento todo trabalho do homem deve se resumir em conhecer a si mesmo como sujeito e aos objectos conhecidos pelo sujeito, em meio dos quaes se acha o proprio sujeito. A theoria de Pontes de Miranda é a doutrina do homem menor do que o saber, não o circumscreve com fórmulas a *priori* do espirito, apenas conhece unicamente através da materia é que chegamos a todo conhecimento. E é ahi que elle annuncia um retorno a Thomaz de Aquino, não tomndo em consideração as interpolações e extra-polações que levaram o equinatense á construcção de uma onologia e de uma theodicea.

Para mim o problema mais grave e que tira á gente toda a esperança de maiores beneficos trazidos á vida pelo conhecimento é o da desigualdade das mentes humanas. O conhecimento não é como o instincto que, se nasce com elle, tem as gradações que acompanham o evoluir da humanidade e do individuo. O primitivo e a criança e mesmo o homem rustico e ignorante ainda não demarcam bem as fronteiras entre sujeito e objecto, é o endopsychismo de Levy Bruhl. Dahi as innumeraveis credices e supersticões que enchem o mundo. Não dispondo de uma intelligencia que os leve a observar a si proprios como objectos com a sua parte instinctiva e emocional, lan-

çam as bases da metaphysica, das crenças, das superstições. O espirito critico sabe isolar os seus sentimentos e analysal-os como objecto. A psychanalyse já ensinou ao homem um processo original, de se subtrahir ás influencias dos seus affectos, maximé daquelles que permanecem inconscientes e por isso mesmo mais nocivos. O mundo está cheio de homens que, com a sabia logica da razão, sustentam como realidades coisas que a sua parte irracional queria que existissem para satisfação propria: é a continuaçāo indefinida da vida, é gozo eterno, é a providencia a nos soccorrer nos momentos criticos, é o milagre contra a fatalidade das leis naturaes, coisas estas que nunca os nossos sentidos perceberam, que nunca a nossa razão vislumbrou na materia. E o mais interessante é que estes homens esclarecidos a que me refiro passariam hoje muito bem sem este acervo de mythos e de crenças sahidos da mente primitiva e da imaginação da criança. Mas, acharam feitos e satisfazem a sua natureza avida de prazeres e consolações. Passariam muito bem sem tudo isso e se desafogariam como os artistas que cantam ou gemem em todas as modalidades da arte as suas angustias, os seus terrores, as suas alegrias.

Serios entraves offerecem á pesquisas scientifica essas doutrinas unilateraes, taez a psychanalyse e a doutrina economica do metearilismo. Nem o individuo é governado sómiente pela «libido», nem a so-economia. Freud foi ao extremo dessas unificações quando, ao edifiar o «super-ego» sobre o «complexo de Edipo», pinta de cores carregadas o destino tragicó de uma humanidade presa do sentimento, do remorso por ter odiado ao paes que se oppunha com severas proibições ás inclinações incestuosas do filho. Quem quer que observe com imparcialidade e reflecta com serenidade sobre a autoridade dos paes, dos educadores, não se obstem de condenar o jugo que a cada instante tolhe a livre expansão da criança, sobrecarregando-a de recalcamentos que mais tarde irão pertubrar o seu ajustamento social e a normalidade do seu psychismo. Quem assim observa não comprehende dahi o fundo libidinoso de Freud, apenas se convence de que aos poucos iremos melhorando o

Em Porto Alegre não ha cafés de litteratos; tambem não ha «salões» e não existe nenhuma associação litteraria, a não ser a Academia Riograndense de Letras. Desta, felizmente, ninguem toma conhecimento. Os filhos dos academicos gauchos, porém, já pensaram em instalar, ahi, uma aula nocturna para alphabetização dos seus paes. A idéa, no entanto, morreu no nascedouro. Foi a unica occasião em que se ventilou algo de novo naquelle velho syllogeu. Depois, a Academia voltou ao seu antigo marasmo e continuou reunindo-se semanalmente, mandando para os jornaes a pequenina noticia que é, pelo assumpto e pela redacção, uma especie de annuncio permanente.

Em Porto Alegre, como disse, não existem associações litterarias nem «amarellinhos». Dessa forma, os escriptores e poetas vivem ás mil maravilhas. Todos são amigos de Erico Verissimo e Erico é amigo de todos. Aliás, não se concebe quem não seja amigo dessas duas crianças grandes da litteratura riograndense: Erico e Vianna Moog, os dois carros-chefes do prestito litterario gaucho. Em torno delles, reune-se a gente que escreve: romancistas, «conteurs», poetas, ensaiistas, reporteres e chronistas. E todos — Erico e Vianna Moog inclusive — têm pelo velho Alcides Maia a adoração dos negros pelo seu fetiche. No Shangrilá daquelle adoravel clima thibetano, o autor de *Ruinas vivas* é o grande lama. Nunca ninguem vê o velho Alcides porque elle não vae a par-

te alguma. Mas todos sentem a sua presença. Elle é, hoje, talvez, o unico bohemio do meio litterario gaucho. Vianna Moog e Erico Verissimo pertencem a uma geração que toma coalhada na Granja Carola e bebe cafezinho no Nacional. Em quanto isso, Alcides Maia fica em casa ou no Museu Julio de Castilhos, de que é director. Quem quiser ouvir a voz de um bruxo, que o procure: espantar-se-á, o visitante, com a sua lucidez, o vigor do seu espirito critico e a sua verticalissima posição mental deante do momento: inimigo da guerra, amante do pensamento alado, amigo dos moços que não se accommodam. Mas, no meio disso tudo, encaramujado. Como em certos remedios para uso interno, sobre elle se poderia collocar aquelle rotulo: agite-se antes de usar.

Sob a mansa superficie do lago, sentir-se-á, então, o revolto marulhar da correnteza que passa.

Minha intenção era falar sobre os velhos do panorama litterario riograndense. Mas agora verifico que não existem velhos na litteratura riograndense. Existe, apenas, o velho Alcides Maia, que vale por toda a sua geração.

Falaremos, noutras reportagens rapidas, sobre os moços, que são inumeros: Mario Quintana, Telmo Vergara, Athos Damasceno Ferreira, Manoelito de Ornellas, Pedro R. Wayne, Hamilcar de Garcia, e outros que fugiram para a metropole, como Augusto Meyer, Theodoro Tostes, Ernani Fornari, etc.

#### RIVADAVIA DE SOUZA

processo de lidar com a criança, dispensando essa severidade que em muitos atinge as raias da brutalidade, determinando mais tarde essa inconsciente revolta que faz de muita gente um desencantado da vida.

O clarividente espirito de Pontes de Miranda analysou profundamente todos os erros do philosophar classico, bem como os das sciencias mal alicerçadas que ao invejo «é» «ôco» da verdadeira scienzia, enchem-no de coisas que já cerram a intelligencia á verdadeira pesquisa. E com todo o seu ardor

entregou-se á construcção de uma epistemologia que se desenvolve no clima mesmo da scienza como um pharol orientador que ha de guiar todos aquelles que prezam o conhecimento verdadeiro. A solução que Aristoteles, Platão, Descartes, Kant, deram ao eterno problema seu tempo. Hoje, a propria realidade estava exigindo uma revisão. E cabe a pontes de Miranda a gloria de uma theory que será a orientadora do pensamento universal.

MARIA CONCEIÇÃO ADJUCTO BOTELHO.

# Cinema

## BALANÇO DO ANNO DE 1938

1938 assinalou um desinteresse crescente pelas cousas do cinema verdadeiro.

Um industrialismo cada vez mais avassalador e uma adulação cada vez maior ao gosto negativo do grande público foram as tristes características do anno que passou.

Por sua vez, a critica em nosso meio continua na mesma indifferença. Raros, rárissimos são os grandes nomes da litteratura que dão uma attenção não distraída ao cinema.

O cinema continua sendo um lugar a que se vai quando não se tem outra cousa que fazer.

Não haverá mesmo, entre nós, quem faça da critica e do estudo do cinema sua principal actividade.

A critica cinematographica não é uma ocupação que ponha em evidencia, que chame a attenção. E', como infelizmente ainda o são a critica de pintura, de radio e de musica, uma contribuição que se relega para os fins de revista, para as dependencias internas das grandes publicações.

Grande ainda é o fôoco caso com que os marchaças da litteratura se referem a este prodigioso meio de expressão.

*Mocidade Olympica.* — A cinematographia germanica com mais esta produção não interrompeu a serie soberba de trabalhos que já nos tem oferecido no genero.

Quem não se lembra de «Sport e Beleza»?

«Mocidade Olympica» é uma destas obras que reconciliam com a vida, que nos levam a encontrar no mundo uma fonte inexaurível de admiração. É uma afirmação admirável do que é possível fazer para a reintegração do homem nos seus direitos indiscutíveis de rei da criação.

Pela prática racional do exercicio physico voltamos a uma maior intimidade com o meio cosmic, a uma identificação profunda com a terra, a cujo apello generoso nós tanto custamos a atender. E que admirável escola de formação da vontade, de fortalecimento do carácter, de consolidação da personalidade.

Uma grande parte da metragem de «Mocidade Olympica» é do mais puro cinema, silencioso, sem letreiros, empregando exclusivamente séries de imagens e tirando delas os mais expressivos efeitos.

De inicio aparece um pequeno lago, pela manhã, com a terra despertando de seu sono profundo, tranquillo como o do princípio de todas as cousas. Água quieta parada, trazendo ao espírito a ideia de paz, de pureza, sempre ligada ao aspecto das águas tranquilas.

Surgem depois, correndo, em plena liberdade, ainda dentro da meia sombra, atletas nus, perfeitamente accordes com o scenario.

Nada desse divorcio tão patente entre o homem civilizado e seu «habitat», que

o leva a sommar ao corpo uma série enorme de accessórios que lhe tornam o peso da vida penosamente supportável.

A disputa do decathlon põe em evidencia a figura excepcional de Morris, um dos mais soberbos espécimes humanos que já me passaram diante dos olhos. Com homens dessa tempera as Olympiadás de hoje não perdem nada da nobre significação que tinham nos tempos incomparáveis da civilização grega, onde era constante, no Gymnasio, o aparecimento de verdadeiros semi-deuses.

Que riqueza de lances arrebatadores nas provas de gymnastica, de natação, de mergulho! Corpos soberbos projetam as suas imagens sobre um fundo illimitado, infinito, único scenario digno da sua magestade.

E o mundo se engalana com os mais raros encantos para enquadrar o bello espectáculo: um céu serenissimo, uma pujança incrivel de vegetação, uma transparencia jamais vista na atmosphera.

*Nostalgia.* — Apresentado pela Art Films. Direcção de Tourjancky.

A idéa de paixão violenta, de sentimentalismo doentio, de renúncia total, de vicio e de crueldade levados ao extremo, tomam grande parte da alma russa.

É a atmosphera commun das grandes obras litterarias desse povo.

Uma casta militar desenfreada lançava mão de todos os recursos para a satisfação de seus prazeres, resumíveis como em toda a parte em: vinho e mulheres.

De que horrores não era capaz um tenente, principalmente quando pertencia à guarda do czar! A passagem de um regimento por uma povoação era a de uma verdadeira legião de barbaros. Um coronel era um verdadeiro «flagellum dei». As principaes victimas desses miseraveis eram sempre os pobres camponezes, verdadeiros intocáveis da sociedade russa.

«Nostalgia» é a historia muito triste de um mestre de posta, que tinha uma filha muito bonita.

O proprio pae muitas vezes servia-se della como meio de agradar a freqüezia: como verdadeira especialidade da casa.

Numerosos clientes acenaram-lhe com a miragem da capital, com os prazeres a que a beleza lhe daria direito.

Um dia um commandante de regimento reuniu os seus officiaes e muitas mulheres para uma farra, situação habitual daquella gente, que raramente tinha o que fazer.

Mulheres bellas, lauta comezaina, vinhos caros, uniformes vistosos, vestidos de preço.

Abrigava-os uma aurora soberba, em plena campanha. Horizontes amplos, infinitos.

Salteou-se violenta tempestade. Refugiaram-se na casa do pobre mestre de posta, para onde levaram a desordem, a bebedeira, o delirio.

O resultado é a sedução da filha do mestre de posta e sua fuga para Petersburgo, onde se torna amante de um dos tenentes do regimento.

Tal é o «plot» em torno do qual giram as situações do film, que ás vezes se elevam a um alto grau de emotividade.

A bebedeira no cabaret, a igreja de aldeia, pequenina, insignificante no meio da immensidão da steppe, aquelles caminhos tortuosos, estreitos, longos, aquellas caras trabalhadas por séculos e mais séculos de servidão (humilhados e offendidos), aquella visão de Petersburgo onde a opulencia mais alta hobreia-se com a miseria mais sordida, tudo é fruto de uma direcção segura e de um conhecimento não menos seguro da vida e da psyche russa do tempo.

Harry Baur, como sempre, atrai a maior parte da nossa atenção.

70 minutos de imprensa animada em volta do mundo.

A iniciativa do Cineac não deixa de ter certa originalidade.

Nós mesmos em algumas de nossas crónicas, faláramos na conveniencia de seleccionar os cine-jornaes e as cine-crónicas, dando-lhes o maximo de valor documentario e aprontáramos para o admiravel «Tapete Magico», a melhor coisa no genero. Em numerosas ocasiões lançáramos a nossa desaprovação contra a monotonia dos jornaes quer Paramount, quer Ufa, quer Metrotone: eternas inaugurações, visitas aos tumulos dos soldados desconhecidos de todas as nacionalidades, sem falar nas marchas de todos os exercitos e nas inevitaveis corridas de cavalos. Quasi nada que torne mais perfeito o conhecimento do homem e da vida terrestre em todas as latitudes, quando o cinema sonoro põe-nos nas mãos um instrumento inegualável de explorar a realidade.

A realização de Cineac pouco differe de tudo isso.

Só que tem é que os outros cines apresentam apenas um jornal, isto é, uma inauguração, uma corrida de cavalos, uma visita ao tumulo etc. Cineac nos atira tudo isto de uma só vez.

No programma a que nos referimos salvou-se uma producção bellissima patrocinada pelo Departamento Scientifico do Laboratorio Orlando Rangel: Raio X (filmagem do invisivel) de raro valor educativo.

O Raio X revela-se para todos uma máquina milagrosa de explorar o mundo.

Os raios X mostram luminosamente a relatividade de varios de nossos conceitos: opaco, bello, impenetravel têm sentido dentro de certos limites de visão. Para o olho penetrante da Roentgen-cinematographia a carne de uma mulher bella não passa de uma illusão: a realidade profunda é o esqueleto, o arco-bouço sólido de toda aquella graciosa fragilidade.

Os movimentos íntimos da nossa vida, todo o seu prodigioso mecanismo desvendam-se estranhamente. Essa incrivel descoberta do homem espanta-nos com a força de verdadeiro milagre.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Edição Ariel:

**GERMANA**

Romance de VICTOR AXEL NOVIDADE

# NOVIDADES DO MEZ

## Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

AUGUSTO PAULINO  
CARLOS CALISLI e NICOLAU D'AMBROSIO  
JULIO NOGUEIRA  
DR. GUSTAVO DODT  
ARTUR DE ALMEIDA TORRES

VALDEMAR DE OLIVEIRA  
ELIAS YAZIGI  
MARIA PAULA  
Melles. L. JAQUIER et M. MUNZINGER  
BAPTISTA PEREIRA  
MAJOR FREDERICO RONDON  
CARLOS PONTES.  
MODESTO DE ABREU

LUIZ AMARAL WAGNER  
VICENTE PEIXOTO  
ANIBAL MATTOS  
ELIAS YAZIGI  
J. L. CAMPOS, Jr.  
FRANCISCO LEITE  
MANOEL VICTOR

O Exame do Doente e o diagnostico em cirurgia . . . . .	30\$000
Matematica — 1º ano . . . . .	10\$000
Programa de Português — 3ª serie . . . . .	9\$000
Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi . . . . .	9\$000
Compendio de Lingua Portuguesa — 1º . . . . .	6\$000
» » » — 2º . . . . .	7\$000
História Natural — 3ª serie . . . . .	9\$000
The Best Writers in English Classics . . . . .	7\$000
Aritmetica Primaria . . . . .	3\$000
Français 1º année . . . . .	9\$000
Diretrizes de Ruy Barbosa . . . . .	10\$000
Pelo Brasil Central . . . . .	12\$000
Tavares Bastos . . . . .	12\$000
Idioma Patrio — 1ª serie . . . . .	6\$000
» » — 2ª . . . . .	6\$000
» » — 3ª . . . . .	7\$000
Nosso Brasil — 4º grão primario . . . . .	4\$500
Coração Infantil — 2º ano . . . . .	3\$500
Prehistoria Brasileira . . . . .	12\$000
Elementary English Grammar . . . . .	5\$000
Seleta Inglesa . . . . .	9\$000
No lar e na escola . . . . .	3\$500
Seminario Economico . . . . .	5\$000

**Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL** Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiais: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA  
Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco  
**A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal**

## Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

**OUVIDOR, 110**  
**23-2889**

**JOLYMPIO**

**1.º MARÇO 13**  
**23-2831**

**RIO DE JANEIRO**

### NOVIDADES DE DEZEMBRO

Odete de Carvalho e Souza — KOMINTERN . . . . .	10\$000
Lindolfo Collor — GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS — Coleção de Documentos Brasileiros N.º 14 . . . . .	25\$000
João Duarte Filho — O SERTÃO E O CENTRO . . . . .	6\$000
Henrique Pongetti e Joracy Camargo — TEATRO DA CRIANÇA . . . . .	10\$000
Cyro Costa — TERRA PROMETIDA — Obra postuma (Poesia) . . . . .	7\$000
Cid Franco — A' PROCURA DE CRISTO — 2a. edição (Poesia) . . . . .	8\$000
Antonio Paím Vieira (Versos de Rodrigues de Melo) — Um PASSEIO NA FLORESTA volume n.º 1 da BIBLIOTECA DA CRIANÇA BRASILEIRA. organizada pelo MINISTERIO DE EDUCAÇÃO E SAUDE . . . . .	5\$000
Augusto de Almeida Filho, Anuar Fares e Vito Petangna — TRES MOMENTOS DE POESIA — edição de luxo . . . . .	10\$000
Santa Rosa — O CIRCO — album ilustrado para criança . . . . .	15\$000

### NOVIDADES DE NOVEMBRO

Eloy Pontes — A VIDA DRAMATICA DE EUCLIDES DA CUNHA — Coleção de Documentos Brasileiros N.º 13 . . . . .	20\$000
Lucia Miguel Pereira — AMANHECER — Romance . . . . .	7\$000
Humberto de Campos — SOMBRAS QUE SOFREM — 7a. edição . . . . .	6\$000
Gilka Machado — SUBLIMAÇÃO — Poesia . . . . .	8\$000
Raul Bopp e José Jobim — SÓI & BANANA — Notas sobre a economia do Brasil . . . . .	8\$000
J. G. de Araújo Jorge — AMO — Poesia . . . . .	6\$000

## NOVIDADES

### ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

GONÇALVES FERNANDES

O Folclore Magico do Nordeste 8\$000

OSVALDO ORICO

Diario de Bébê 15\$000

HENRYCK SIENKIEWICZ

Quo Vadis — 2 vols. Col. Sip. 4\$000

## Livraria Civilização Brasileira

MATRIZ FILIAL  
Rua do Ouvidor, 94 Rua 15 de Novembro, 144  
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

NOTA — A Matriz atende pedido pelo "Serviço de Reembolso Postal".

DE LISBOA

# AS LETTRAS BRASILEIRAS EM PORTUGAL

## «VÔVÔ MORUNGABA»

Um collaborador do *Mercure de France*, ocupando-se da evolução do romance, declarava outro dia: «Le roman d'analyse est, pour l'instant, usé jusqu'à la corde. Le roman-document-humain devenu odieux, le roman synthétique doit naître». Isto é verdade na França, mas já não o é tanto em Portugal e deixa completamente de o ser na America do Norte ou no Brasil. Quando se considera o romance frances tem-se, de facto, a impressão de que tudo está analysado e que, depois de Proust e de Gide, não é mais possível, a um frances, dizer algo de novo sobre a alma dos homens. Também da França não esperamos já qualquer novo documento humano, como aquelles que ainda nos fornecem outras literaturas europeias: a russa (graças a alguns escriptores que ultrapassam a finalidade política) ou a dos allemães exilados, para não falar do caso desse italiano, Ignazio Silone, autor de *Fontamara*. A não ser que os franceses vão buscar esses documentos humanos a outros países como faz André Malraux, ou que outros estrangeiros como Panaït Istrati escrevam em francês. Mas o que dos franceses podemos e devemos, de facto, esperar é o romance synthetico, ou melhor, o romance-synthese, já tentado, aliás, em Portugal, embora, talvez, impecadamente.

Como poderiam, porém, pensar, sequer, na synthese aquelles que nem á propria analyse podem, muitas vezes, descer por enquanto: os norte-americanos e os brasileiros, que vivem em países que são ainda, em grande parte, mundos ignorados? O que elles têm que fazer, o que elles fazem, é descobrir a realidade humana que os cerca (ainda, muitas vezes, informe), e fixar, em romances-documentários, os seus aspectos, as suas formas de vida, as suas manifestações. Dahi deriva, precisamente, a sensação, quasi directa, de vida vivida que nos dão romances como *Os Judeus sem Dinheiro*, de Michael Gold, ou *Mother's Cry*, de Helen Grace Carlisle, *Home to Harlem*, do negro Claude Mac Kay, ou *Manhattan Transfer*, de John dos Passos: sensação de estar vivendo, de assistir á propria realidade, e não, como no romance frances ou, mesmo, no inglez, no romance europeu em geral, de olhar a vida á distancia, como um objecto de museu, através de vidros, sem possibilidades de contacto.

Se olharmos para o romance brasileiro de hoje — o verdadeiro romance brasileiro — quasi não encontramos senão documentos humanos. Ha exceções, evidentemente, porque a um escriptor de visão poetica, como Mario de Andrade, não podia deixar de seduzir a synthese, que é a essencia da poesia, e porque um grande mestre, Machado de Assis, com o seu poder de analyse, traçou, antecipadamente, outra direcção. Mas o *Macunaima*, de Mario de Andrade, não pode ser considerado, de forma alguma, um romance, nem como tal o apresen-

tou o seu autor, e sim como uma rhapsodia: uma obra poetica, portanto. Por outro lado, a direcção indicada pela obra de Machado de Assis apenas podia ser seguida pelos romancistas da vida burguesa, urbana, cujas figuras ou tipos humanos são conhecidos há muito e estão há muito fixados. A analyse de uma psychologia individual, a que procede, por exemplo, um Cyro dos Anjos em *O Amanuense Belmiro*, não seria possível exercer-a onde não existe ainda individualização, onde o homem não vive por si, independente do meio. Repare-se que quasi todos os continuadores de Machado são cariocas, paulistas ou mineiros, e citadinos, isto é, homens que escrevem nos centros brasileiros de vida social mais desenvolvida. E' claro que não se podem estabelecer limites rigorosos ás diversas zonas da litteratura brasileira actual, pois que um escriptor do Nordeste, Graciliano Ramos, desce, na *Angustia*, á analyse mais profunda, e o rio-grandense Erico Verissimo sabiamente equilibra, nos seus romances, o documento humano e a analyse psychologica. Mas considerando só os ultimos romances produzidos no Brasil: a *Rua do Siriry*, de Amando Fontes, a *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, as *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o *Suburbio*, do jovem Nélio Reis, não vemos senão documentos humanos — o que não é pouca coisa; antes, pelo contrário, o que mais pedimos á litteratura brasileira. Exceptua-se, até certo ponto, Jorge Amado, pela sua faculdade de transfigurar a realidade, tão evidente nos *Capitões da Areia* — esse livro filho do novo romantismo criado pelo cinema norte-americano.

Por que razão podem os brasileiros oferecer-nos, tão frequentemente, documentos da vida popular das diferentes regiões do seu paiz — esses documentos tão raros, por exemplo, em Portugal? E' que entre nós (exceptuemos o grande Aquilino das *Terras do Dendo*), se o romancista quiser descrever a vida

popular, narrar a existencia de um homem do povo, terá que *descer* ao povo, como observador. O homem do povo recebe-o á com desconfiança, e muita coisa da vida e da alma desse homem do povo ficará sempre impenetravel, porque não são os mesmos os sentimentos nem iguais a sua linguagem e a do homem de letras. As classes e a cultura intellectual separam, na Europa, o romancista das criaturas humanas que constituem a massa da população. Num paiz como o Brasil (ainda, até certo ponto, em formação), as classes quasi não existem e, de qualquer modo, não impedem a comunicação entre os escriptores e o povo. Digamos que o homem de letras, no Brasil (o homem de letras de hoje, que se libertou do preconceito intellectualista europeu), está, de certo modo, em pé de igualdade com o povo; compartilha, muitas vezes, dos mesmos gostos, sentimentos e idéas; tem, ou adopta, muitos dos seus usos e costumes. Isso, simplesmente porque a cultura social é, no Brasil, mais forte que a cultura a que chamamos intellectual, para a distinguir da cultura viva do povo, a cultura synonymo de experiência humana. Só assim se explicam livros como este de Galeão Coutinho: *Vôvô Morungaba*, de que queremos ocupar-nos, por assim dizer, em complemento do ensaio *Expressão Litteraria do Brasil*, que escrevemos para a obra *Brasil*, em publicação.

Galeão Coutinho é um jornalista paulistano ou que em São Paulo exerce essa profissão considerada mortal para os escriptores. As vezes essa profissão absorve, de facto, por completo, um homem de letras, como aconteceu, em São Paulo, com Léo Vaz, autor de *O Professor Jeremias*, da melhor linhagem machadiana. E' possível que o trabalho na imprensa diária não permita que outro jornalista de São Paulo, Afonso Schmidt, se realize inteiramente como novelista. Mas do journalismo mais intenso, da chefia da redacção de um vespertino popular e sensacionalista, surgiu, se não nos enganarmos, este authentico escriptor: Galeão Coutinho. Desconhecemos o seu romance anterior: *Memorias de Simão o Caolho*, mas este *Vôvô Morungaba* vê-se que nasceu, precisamente, desse posto de auscultação da vida popular paulista que é *A Gazeta*. Ainda assim, com todo o conhecimento das pequenas tragedias e misérias de uma grande cidade que proporciona o controle da reportagem, só um escriptor brasileiro, vivendo proximo do povo, identificado com elle sob tantos aspectos, capaz, portanto, de o entender completamente, poderia fazer-nos assistir á vida, vista por fóra e por dentro, do desgraçado Elpidio Barra-Mansa.

«Elpidio era um recalcado. Quinze annos de matrimónio e miseria negra transformaram-lhe radicalmente o phisico e o moral. Vivia de sobras e biscoates. O ordenado não dava para nada. Descontos em folha, sellos, pensão e aposentadoria, impostos e não se sabe que mais, reduziam os seus vencimentos a duzentos e cinqüenta mil réis. Mas havia ainda os

## COLLEÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

## DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de  
MARQUES REBELLO  
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

agiotas que lambiam cem mil réis, entre amortização e juros de dez por cento ao mes. Elpidio ficava com cento e cinquenta para as despesas. Começava, então, no dia seguinte ao do pagamento, o seu calvario. Pedia dez tostões daqui, passava um bilhete de rifa acolá, e sempre consegui acompletar o que lhe faltava. Completar? Não; não conseguia completar coisa alguma. Tapava alguns buracos, e prompto.»

Eis toda a tragedia do protagonista de *Vôvô Morungaba* — pequena tragedia no seio da urbe immensa, mas tragedia enorme para o pobre funcionario publico, com mulher e oito filhos! Durante duzentas e setenta paginas, um tanto monotonamente, com a monotonia terrivel da miseria, essa tragedia se desenrola a nossos olhos, sem um desafogo, sem uma esperança, na cidade que attrae emigrantes de todos os paizes, na cidade orgulhosa, cantada pelos exaltadores do «phenomeno paulista», entre os quaes nos incluimos: «a segunda cidade do Brasil, a terceira do America do Sul; o maior parque industrial do continente sul-americano, Chicago brasileira!»

E' porque lhe corre nas veias sangue de indio que Elpidio Sylvestre Morungaba, por alcunha Barra-Mansa, é esse vencido no seio da cidade dynamica, numa terra aberta a todas as actividades? Os versos de Gonçalves Dias:

*O nosso indio errante vaga;  
Mas, por onde quer que vá,*

*Os ossos dos seus carrega, etc.,* postos por Galeão Coutinho, como epigrafe, no frontispicio do seu livro, trahem a intenção de fazer do seu triste heroe um symbolo do fatalismo brasileiro. O livro intitula-se mesmo *Vôvô Morungaba* porque na recordação de um avô, chefe da familia quando os Morungabas, roceiros, viviam no campo, em Barra-Mansa, se refugia o pobre diabo perdido na cidade. A Fuga para o Passado chama-se o ultimo capitulo, e essa fuga é a unica consolação do desgraçado, quando, depois de todas as lutas com a miseria, vê morrer a filha mais nova e preferida. Mas não basta o fatalismo do indio para explicar o drama de Elpidio Barra-Mansa. Explica-o, talvez melhor, o desacordo entre a vida social organizada e esse homem sem energia constructiva, incapaz de um trabalho methodico e persistente, embora desenvolva uma actividade prodigiosa para conseguir viver, miseravelmente, de expedientes e habilidades — o que, aliás, se explica ainda pelo atavismo do sangue nomade. Mas nem assim se justifica a tragedia economica desse homem na cidade soberba — tragedia que tem o momento mais terrivel na angustiosa, na dilacerante peregrinação do desgraçado, de porta em porta, durante doze horas, para conseguir sessenta mil réis com que comprar um medio para a filha.

Este livro é bem *l'envers du décor* da cidade magnifica: o livro dos seus pobres. O dialogo final, sobre a morte da filha de Barra-Mansa, é o commentario da pobreza:

— «Para dizer com franqueza, eu não sei do que que ella morreu.

— «Estava doente ha muito tempo!

— «Estava. Deu uma coisa nella; pe-

gou de ficar triste, triste, cada vez mais triste, e entregou a alma a Deus. Foi em boa hora; este mundo é tão ruim...»

«A preta, que ouvira tudo com grande interesse, rematou:

— E' isso. Doença de pobre não tem nome. «Deu uma coisa...»

Sente-se que Galeão Coutinho escreveu este livro como um protesto.

. JOSE OSORIO DE OLIVEIRA.

### «HISTORIA PUXA HISTORIA»

A primeira reflexão que este novo livro de Gastão Cruls nos suscita é a de que não é desconhecida do autor a velha querella entre o conto e a novella. Já a Bourget interessou tal problema (que por elle foi tratado, aliás, com bastante penetração); mas, antes e depois dele, muitos outros se deixaram tomar de desalento ante a difficuldade de precisar os verdadeiros contornos de ambos esses generos litterarios. O conto tem que ser, em boa verdade, uma pequena totalidade litteraria, com principio, meio e fim, e exige sobretudo uma acção que contenha, implicito na sua objectividade, um plano social e humano a attingir. Anton Tcheckof e Dickens podem exemplificar, com precisão, os seus detalhes mais genericos; por sua vez, Wilde e Maupassant podem testemunhar-nos as interpretações pessoaes que o conto logra occasionar.

Gastão Cruls tem, na verdade, um alto poder de condensação litteraria e sabe, ao contrario de muitos dos seus camaradas brasileiros, subordinar-se a uma rigorosa e quasi scientifica methodologia verbal e technica. Nunca esbanja palavras nem abusa de desnecessarios pormenores. Os seus traços, quer a desenhar as figuras, quer os ambientes, são seguros e fortes e põem-nos em immediato contacto com a acção que narra. Dahi ter escripto, neste seu mais recente *vient de paraître*, paginas (taes como *Meu Sósia*, *O Espelho* e *Fauna Exotica*) que são, effectivamente, iniciadoras de uma theoria pessoalissima sobre o conto e de uma aptidão notavel para esse tão difficult genero. Poder de condensar a acção em tres ou quatro motivos essenciaes; capacidade de dramatização do *instante*; attenção pelas vicissitudes psychologicas das personagens; emoção litteraria sempre fiscalizada pela intelligencia: eis as qualidades predominantes na personalidade de Gastão Cruls. Todavia, se descermos desta avaliação em bloco á minuciosa observação de outras paginas do seu livro, depararemos com alguns desconcertantes exageros de imaginação (por exemplo, nos contos *Circuito da Gavea* e *Iniciação*) e seremos forçados a pensar que talvez o autor de *História puxa História*, possuindo muito embora uma nitida conscientização dos objectivos do conto, não tenha de si e das suas qualidades litterarias idéa muito precisa e fixa. No conto *Circuito da Gavea*, a acção, a certa altura, cessa de ser *verídica* para se tornar *maravilhosa*; e, na *Iniciação*, o acontecimento dá-se por uma forma tão rapida e inesperada que surprehende desagradavelmente o leitor.

Ora, o conto deve ser, parece-me, não uma criação poetica, não uma efábulação arbitaria, mas uma synthese litteraria das circumstancias significativas da vida humana, observadas através dos sentimentos medios de determinada época. O romance e a novella, esses sim, já permitem aos seus cultores que criem emoções, figuras, ansiedades, ainda que inesperadas e singulares. O conto, não. Edgar Poe e Hoffmann, apesar de terem exagerado a realidade, transformando-a, por vezes, no fantastico, souberam respeitar probamente esse nível medio da sensibilidade humana, tão essencial do conto. Gastão Cruls foge, algumas vezes, desse padrão indispensavel, e o resultado é afastar-se, tambem, da verdade.

Estas considerações não pretendem contrariar a possibilidade da collaboração de uma subtil substancia lyrical — presente, aliás, nos mais conhecidos contos de todas as linguas — com os já assinalados e indispensaveis materiaes desse genero litterario. Não. Apenas pretendi referir que, no conto propriamente dito, o essencial é a attitude do homem no seu contacto com a vida e o mundo (o que não permite, ao contista uma criação poetica); mas como a realização de tal pertence á litteratura, esta é, sob todas as suas formas, sempre licita e necessaria, uma vez, porém, que não offenda a logica da acção narrada. O conto portuguez (o de Aquilino, o de Nemesio, o de Antonio Madeira) pode dar a Gastão Cruls a medida precisa dessa collaboração.

Em outros contos de seu recente livro, Cruls attribue ao maravilhoso uma importancia decisiva que me parece contrariar o plano concreto e real em que as suas narrações decorrem. Ora, esse é um dos mais importantes problemas do conto. Com o maravilhoso pode fazer-se contos, é certo; é preciso, porém, que nesses contos o maravilhoso se não confunda com o real e que não inutilize a finalidade de recherche humana implícita no genero.

Com estas pequenas restrições, ha que reconhecer e festejar em Gastão Cruls, além do mais, uma rara capacidade de realização technica, um precioso conhecimento dos territorios do conto, uma realização de linguagem nada rhetorica ou preconceituosa e, por ultimo, uma grande intuição da verdade humana.

MANUEL ANSELMO.

(Estes dois artigos foram transcritos da excellente secção de *Litteratura Brasileira da Revista de Portugal*, de Coimbra, numero 5.)

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ

Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

# SAMAMBAIA

Maria nasceu como as samambaias, ao Deus dará, nas quebradas das serras. A mãe de Maria era uma mulata bonita, de rosto oval e ancas redondas, olhos de noite e veludo. Tinha tres filhas, cada qual de um pai.

Quando Maria nasceu, não encontrou leite no seio materno porque no dia seguinte era orphã.

O pae era barbeiro.

Em quanto Maria foi pequenina, elle a deixou em casa da comadre Angelica, onde ella cresceu a brincar com os filhos do casal e depois a vigiar o menor. Mas quando a mulatinha chegou aos 12 annos, o barbeiro, que mal lhe levava uma brôa, aos domingos, exigiu da comadre que lhe entregasse a filha:

— Sabe, comadre, não é por nada, eu sei que ella está muito bem aqui, está mesmo muito bem... mas é que eu ando precisando de quem tome conta do meu quarto...

Naquelle dia, Maria, chorosa — mais medo, que saudades da madrinha — passou a morar no quarto do barbeiro, em uma casa de commodos, muito escura, onde os corredores pareciam entradas de cavernas.

O pae deu-lhe uma esteira e um cobertor. E ella se enrodilhava como um bicho medroso, quando elle chegava em casa muito tarde, cambaleando, aos trancos. Muitas vezes, depois de abrir a porta, golphava sobre a pequena uma onda de vomito alliaceo.

No quarto sem luz, transida de pavor, ella custava a dormir. Os raios da lampada de fóra desenhavam, na parede caiada, imagens fantasticas, pintando as sombras desconexas das folhas das arvores. O vento fazia oscillar a folhagem, as sombras punham-se em movimento. Maria fechava os olhos depressa e ainda mais se encolhia debaixo do cobertor a suar, a suar de calor e de emoção.

Uma noite, o barbeiro não voltou. Ficou debaixo de uma carroça e de lá mesmo foi para o cemitério, depois de passar algumas horas numa mesa de marmore da policia.

Maria, no dia seguinte, saiu pela primeira vez da sua casa escura.

Foi servir á familia do commissario, porque não tinha onde parar.

A patróna recebeu-a com o sorriso contente de quem consegue o que muito deseja. E no mesmo instante, passou-lhe aos braços uma criança gorducha e alegre, recommendando-lhe com insistencia:

— Vê lá! Não deixes cahir o pequeno!

Apesar de tudo, a vida de Maria melhorou bastante. Ao menos havia, agora, em casa, luz e comida... De noite não despertava mais assustada, aos pontapés do ébrio.

Pouco depois, Maria, já mocinha, conheceu pela primeira vez, o encanto de existir. Encontrou nos olhos de um homem interesse particular pela sua humildade. O padreiro era um rapaz forte, branco, bonito. Olhou-a muito, uma vez, e no dia seguinte sorriu-lhe de leve. E ella, sem saber porque, sorriu tambem. Desde então, todas as manhãs, acordava muito cedo para receber o pão...

Veiu o Carnaval. A cidade doente, hysterica, de alma africana disfarçada, entrou a berrar e a grunhir nos paroxysmos de uma excitação em que havia menos luxuria que ritual de negros fetichistas.

Maria, no portão, com o pequeno nos braços, ria e cantarolava tambem, repetindo quadras de que os transeuntes deixavam cahir alguns retalhos.

Numa hora dessas, a criança agitou-se, excitada pelas cores vivas que a rodeavam, e sem que Maria a pudesse suster, desprendeu-se-lhe dos braços e caiu sem um gemido, muito pallida, com a boquinha arquejante e um fio de sangue a zigzaguear pela testa. Maria gritou, num desespero atroz. Mas quando viu desacordado o pequenino, pensando que estava morto, correu para a rua estonteada, sem saber o que fazia e foi arrastada por um bando de mascarados que passava cantando sem expressão e sem prazer, suando, como si estivesse a trabalhar num rude oficio de ganhar a vida.

Tremendo, a cabeça óca, os olhos esbugalhados, Maria seguiu o «cordão» horas a fio. Quando os mascarados paravam para beber e comer, alguns rapazes que a rodea-

vam, dando-lhe pasteis e goles de cerveja:

— Anda, morena! Come e bebe bastante, que nós ainda temos muito que andar!

— Mas, que pedaço! Hein, Fe-lisberto!

— Cala a bocca, Balthazar! Essa moça é minha dama. Não é mesmo? disse dengoso, voltando-se, pa-chola, um mulato alto e magro, bem falante, de sapatos de verniz e gravata branca, que desde o começo parecia sympathizar com ella. Maria sorriu triste, sem compreender:

— O Manéco é um aguia, mocinha. Nós moramos juntos na Babylon... Não vá atrás delle, disse o Balthazar, que era mais escuro que o outro, mais forte e menos alegre.

E o resto daquella terça-feira Maria passou recebendo dos dois sujeitos attenções e cuidados.

Quando a manhã começou a clarear, toda a tropa chegou ao morro, e á medida que subia ia deixando, pelos casebres, os companheiros bebedos e tropejos.

Maria quasi inconsciente, exausta e ébria, foi seguindo machinalmente os rapazes e atirou-se num catre que havia á entrada da casinhola de latas, parte da favela miseravel.

Quando acordou, estava meio núa, ao lado de um homem adormecido, respirando forte.

No casebre passavam-se os dias sempre iguaes.

Os dois homens sahiam de manhã para o trabalho e Maria ficava lavando a roupa e cozinhando.

O Maneco era lustrador e o Balthazar trabalhava na estiva. Por um tacito accordo, em que ella nem fôra consultada e contra o qual a sua alma ingenua nada lhe dizia, cada noite era de um delles...

Aos domingos, surgiam rusgas e discussões; ás vezes ,taponas e empurriões: ambos ficavam na pociela.

Maria tinha, porém, um certo asco de Balthazar, que era exigente e chegava muitas vezes ton-tu. Maneco, mais delicado de maneiras, e mais sympathetic, despertava-lhe uma ternura inconsciente.

Uma tarde, Balthazar chegou en-ciumado, olhos fuzilantes. Maneco,

fatigado, deitou-se, enquanto Maria aquecia o jantar. Comeram calados. Havia tempestade latente no casebre.

— A Maria hoje é minha, disse por fim o Balthazar, olhando o outro no fundo do olhar.

Maria voltou-se com a testa enrugada desesperada:

— Hoje não, disse Maneco. Hoje é segunda-feira...

— Pois é... Hontem foi domingo, você ficou em casa, enquanto eu fui para o carvão do navio inglez...

— Não tenho nada com isso... disse o outro, sentando depressa.

Ergueram-se. Começaram a discutir, com os olhos em fogo.

— Então, Maria, você escolhe. Hoje quem é...?

Maria, tremula, não sabia o que fazer:

— Eu? Vocês é que sabem!... Pobre de mim! Eu sou de quem tem mais força!

Ouvindo isso, os dois homens se atracaram como as cobras que se enlaçam quando se enfrentam na mesma gaiola.

Mordiam-se, batiam-se escorregavam embolados, rolando pelo chão sem uma palavra. Só se escutava o arfar dos peitos fortes. Numa hora, levantaram-se promptos a nova investida, quando Maneco tonteou. Firmando as mãos na porta, golphou sangue, rodou nos calcânhares e caiu de costas.

Balthazar estacou, tremendo. Olhou o companheiro, como quem descobre um fundo abysmo á ponta dos pés. E, sem ver mais nada, saiu correndo pelo morro abaixo.

Maria, junto ao brazeiro do jantar, mordendo os dedos e acompanhando a luta, quando viu o outro fugir, deixou-se cair no catre com os olhos cheios d'água.

ROQUETTE-PINTO.

(De *Samambaia*.)

**Acaba de Appearcer:**

**de EDGARD LIGER-BELAIR**

**FABLES**

Apologos brasileiros postos em versos franceses por um grande poeta laureado pela Academia Franceza.

Numerosas ilustrações a cores de Luiz Sá

**Edição Ariel**

Volume cartonado: 15\$000

## LAR, DOCE LAR

Elle era côr de canella, estatura mediana, o rosto denunciando bexigas e o cabello escorrendo negro tropeçando nas pequenas ondas pastosas. Sua presença tinha não sei o que de insinuante e de enfadonha a um tempo. As palavras vinham flacidas, preguiçosas, deixando uma resonância qualquer pelo ar. Não me lembro bem como apareceu no meu escriptorio. Parece que pediu um emprego e respondi com um *não* bem seco. Mas elle foi frequentando, frequentando. Eu já o utilizava em serviços imediatos e como as «mordidas» se tornassem assíduas resolvi admittil-o como empregado. Trabalhava bem a máquina e redigia com alguma facilidade.

Malherbe (chamava-se Malherbe, pernósticamente) absorveu-me quasi por completo. Era dos taes que sabiam tocar as vaidades da gente: tinha o senso de bem servir. Chegou a mentir que fôra preso durante a Revolução Paulista porque falava demais contra o Governo, imagine! Aos poucos vim sabendo da vida delle todinha. Desistiu de estudar medicina para seguir a carreira militar. Fora expulso da Escola de Sargentos por leviandade, sei lá. Um caso exquisito que entrava mulher no meio. Mulheres sempre o preocuparam. Por isso se casou.

Queria regularizar a minha vida sexual, Seu Doutor, me disse cynicamente. Como a Iône eu tive outras. Já tinha feito a coisa mas ella é diferente, o Sr. comprehende. Depois a coitadinha vivia judiada pelo padastro. A gente tem pena, faz a burrada.

Vim conhecer Iône mais tarde. Era franzina, anêmica, sem um dente na frente. Roida de syphilis, pobrezinha. Com aquella timidez que dá um brilho estranho no olhar, uma graça qualquer que não se explica.

Os dois moravam em Bento Ribeiro. Malherbe teimava que eu fosse até lá. Minhas ocupações e um certo pudor me impediam da visita. Sem sentir fui dando uma confiança demasiada ao diabo do mulato.

Agora estava feito uma especie de confidente indispensável, isto é, de confessionário, pois, nunca dizia palavra e Malherbe empurrava todos os misterios matrimoniaes para a minha inalteravel passividade. Ouvia em silêncio as queixas.

Iône foi hoje visitar a mãe. Estou aborrecido. Bem sei que o Sr. não tem nada que ver com isso mas si soubesse o quanto me dóe aquella velha... Ella tem o prazer de armar intrigas. E não tem moral. A menina se perde com ella. Outro dia (falava com a maior naturalidade deste mundo) encontrei Iône conversando com um sujeito do Exercito. Ah! dei-lhe um socco que arranquei uns dois dentes no minimo. Essas visitas, o Sr. nem imagina... E o que me contrariou mais foi que a coitadinha foi chorando pra casa.

Impressionante, aquelle individuo que falava aos goles, sem mutações, espontaneamente natural.

Estava mais ou menos bem, para mim, — ouvinte quasi contrariado, — até o

momento que Malherbe começou a achar a vida insupportavel. Passou a fazer queixas dolorosas com o mesmo rosto inexpressivo, sem rugas nem traços que o definissem: só com uma boca enorme e a voz caindo monocordia.

— Ah! Seu Doutor, viver desse geito nem se pôde mais. As coisas estão aperitando, tive de mudar com a patroa pra casa da mãe della e tem sido um inferno.

Que que eu havia de fazer? Não podia pagar-lhe mais de 250\$000. Os negócios não iam lá muito bem.

As queixas continuavam e Malherbe não trabalhava mais com a dedicação dos primeiros dias. Ia um dia, faltava outro até que descuidou-se por completo do serviço.

Tive que chamar-lhe a atenção. Desculpou-se todo atrapalhado e nesta mesma noite apareceu em casa (primeira e unica vez) todo cheio de dedos:

— Seu Doutor, me desculpe. Me arranje um logarzinho pra mim passar a noite. O Sr. não sabe que coisa horrivel!

Vi nos olhos do criado a necessidade de contar desgraças. Fiquei contrafeito a ouvir-o, como das outras vezes, possuido daquella mesma falta de coragem de reagir.

— Quasi matei a Iône, coitadinha. Ella não me dá descanso, Seu Doutor. Por Deus que nunca vi criatura mais ciumenta. E pensa que eu sou de ferro. Não posso mais dormir com ella que me deixa louco. Seu Doutor me chamou a atenção com muita razão, reconheço, mas Seu Doutor comprehende: nem tenho dormido em casa. Passo as noites andando por ahi procurando achar uma solução. Tenho tristeza porque não ha pessoa nenhuma no mundo que me queira mais bem. Qualquer coisa que ella faz o dia todo se lembra de mim. Não se esquece de nada. Um docinho que ella come, deixa um pedacinho me esperando na janella. Uma balinha que ella chupe guarda um pedacinho pra mim.

Disse uma phrase qualquer procurando sahir daquella agitação incommodada revelação.

— Meu Deus do céu, Seu Doutor! Si o amor fosse só de beijo e de caricia ainda assim mesmo cançava. Si fosse só querer bem, isso sim era bom. Mas a Iône quer me ver morto. Perdi a cabeça, tomei do revolver, nem pensei nas consequencias, e atirei em cima della. Não se espante, Seu Doutor, que não tinha bala, não. Juro. Sahi feito louco, me lembrei do Sr., vim aqui. Não vou incomodar muito, não é?! Um dia só...

A polícia levou-o na manhã seguinte.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA.

## MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

- O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, assim de que esta secção seja a mais informativa possível.
- Matheus de Albuquerque — MEMORIAL DE UM CONTEMPLATIVO — Ariel Editora Ltda. — Rio de Janeiro.
- Carlos Pontes — TAVARES BASTOS (AURELIANO CANDIDO) — 1839-1875 — Collecção «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Bruno de Almeida Magalhães — O VISCONDE DE ABAETÉ — Edição ilustrada — Collecção «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Fagundes Varella — ANCHIETA ou O EVANGELHO NAS SELVAS — Prefacio de Murillo Araujo — Zelio Valverde, Editor — Rio de Janeiro.
- Miguel Ozorio de Almeida — ENSAIOS, CRITICAS E PERFIS — Bibliotheca de Philosophia Scientifica — F. Briguiet & Cia., Editores — Rio de Janeiro.
- Eurico Santos — DA EMA AO BEIJA-FLOR — Vida e costumes das aves do Brasil — F. Briguiet & Cia., Editores — Rio de Janeiro.
- Francisco Venancio Filho — EUCLYDES DA CUNHA E SEUS AMIGOS — Edição ilustrada — Collecção «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Fernando Saboia de Medeiros — ANTHERO DE QUENTAL — Technica e inspiração de seus sonetos — Editora Soc. An. «A Noite» — Rio de Janeiro.
- Mello-Nobrega — O OUTRO LADO DA MONTANHA — Poesia — Impresso por Mandarino & Molinari Ltda. — Rio de Janeiro.
- V. Corrêa Filho — ALEXANDRE RODRIGUES — Vida e obra do grande naturalista brasileiro — Edição ilustrada — Collecção «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- João Duarte, filho — O SERTÃO E O CENTRO — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Romeu de Avellar — CALABAR — Interpretação romanceada do tempo da invasão hollandeza — Impresso por I. Amorim & Cia. Ltda. — Rio de Janeiro.
- Murilo Mendes — A POESIA EM PANICO — Poesia — Cooperativa Cultural Guanabara — Rio de Janeiro.
- Cyro Costa — TERRA PROMETIDA — Versos — Obra postuma — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Raul Bopp e José Jobim — SOL E BANANA — Notas sobre a economia do Brasil — Edição do «Correio da Asia» — Livraria José Olympio Distribuidora — Rio de Janeiro.
- Raymundo Moraes — RESUSCITADOS — Romance do Purús — Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- Luiz Norton — NOTICIA SOBRE O «ARCHIVO MILITAR DE LISBOA», ENCONTRADO NO MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL — Rio de Janeiro.
- Eduardo Malta — RETRATOS E RETRATADOS — Introito de Luiz Norton — Edição ilustrada, impressa em rotogravura — Soc. Anonyma «A Noite» — Rio de Janeiro.
- Augusto de Almeida Filho, Annuar Fares e Vito Pentagna — TRES MOMENTOS DE POESIA — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Domingos Neves — CURSO DE GUARDA LIVROS — Nova Edição — Livraria H. Antunes — Rio de Janeiro.
- Feijó Bittencourt — OS FUNDADORES DO INSTITUTO HISTORICO — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- P. Cantera — JESUS CHRISTO E OS PHILOSOPHOS — Trad. do Padre Antonio d'Almeida Moraes Junior — Edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- Herculano Rebordão (Souto da Casa) — AUTO DO TEMPO NOVO — No oitavo centenario de Portugal — Poesia — Edição Pongetti — Rio de Janeiro.
- Carlos Lobo de Oliveira — ALEGRIA DO CEU — Poemas — Editorial Imperio — Lisboa.
- Jayme de Barros — OCHO ANOS DE POLITICA EXTERIOR DEL BRASIL — Edição do Departamento Nacional de Propaganda — Rio de Janeiro.
- Edgard Liger-Belair — FABLES — Livre Premier — Deuxieme édition — Ariel, Editora Ltda. — Rio de Janeiro.
- Voltaire — CANDIDO OU O OPTIMISTA — Tradução de Jorge Silva — Bibliotheca Classica — Athena Editora — São Paulo.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES  
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 292 || Rua Rio de Janeiro, 655  
São Paulo || Belo Horizonte

## FAGUNDES VARELLA

O sr. Zelio Valverde está empenhado, neste momento, na tarefa de oferecer ao público brasileiro, em apresentações modestas e ao alcance de todos, reedições dos livros mais significativos dos nossos maiores poetas. Já nos deu o sr. Valverde um bello volume de *Poesias Completas* de Casemiro de Abreu e, em dois tomos, as *Poesias Completas* de Castro Alves. Dá-nos, agora, o sr. Zelio Valverde (ao mesmo tempo em que nos promete uma reedição de Gonçalves Dias), *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas*, o gigantesco poema de inspiração cívica e christã em que Fagundes Varella fixou os traços maxímos da obra de evangelização do Padre José de Anchieta. Para essa reedição, a que auguramos irrestricto sucesso, o poeta Murillo Araujo escreveu um suggestivo prefácio, que publicamos em outro local desta Revista.

Ainda de Fagundes Varella estampamos, neste numero, um curioso poema inédito, que foi copiado, do original autógrafo, pelo conhecido bibliographo Antonio Simões dos Reis, que o ofereceu ao BOLETIM DE ARIEL.

## JUDAS ISGOROGOTA

O poeta paulista Judas Isgorogota manda-nos, de sua cidade, mais um formoso volume de versos: *Desencanto*. São versos claros e cantantes, de inspiração marcada e de fórmulas suaves, como os que fizeram o sucesso de seu volume anterior, *Recompensa*, em que o nosso collaborador Edgard Cavalheiro encontrou «purezas de fontes originaes». «É alguém (disse Edgard Cavalheiro de Judas Isgorogota) que, na verdade, traz uma mensagem de harmonia aos homens que não descreram da beleza e do amor. A emoção que dimana de seus versos, se nos penetra tão fundamente, e porque, sem dúvida, vem envolvida pela sinceridade indispensável para que a obra perdure.» De *Desencanto* escolhemos, para as páginas do BOLETIM DE ARIEL, alguns poemas dos mais significativos, que dão bem a nota lírica e personalíssima desse novo e grande poeta brasileiro.

### Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

## A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

# SEQUANA

O MELHOR LIVRO  
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

## COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Chameix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excelencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Brésil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Distrito Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de frances por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

## CONDICOES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 meses seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

## ABONNEMENT A

### Tarif N.º 1

#### Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et embalage compris).

## ABONNEMENT B

#### Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranchefil et signet soie.

## BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Senador Dantas, 40 - 5.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

déclare souscrire à ..... abonnement ..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché

C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir

D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de ..... \$ ..... montant de ..... abonnement .....

Signature.....

# SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz *desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.*
- B — Os livros serão remettidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuais: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensável apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem aumento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registo correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são minimas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensável, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. esdique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

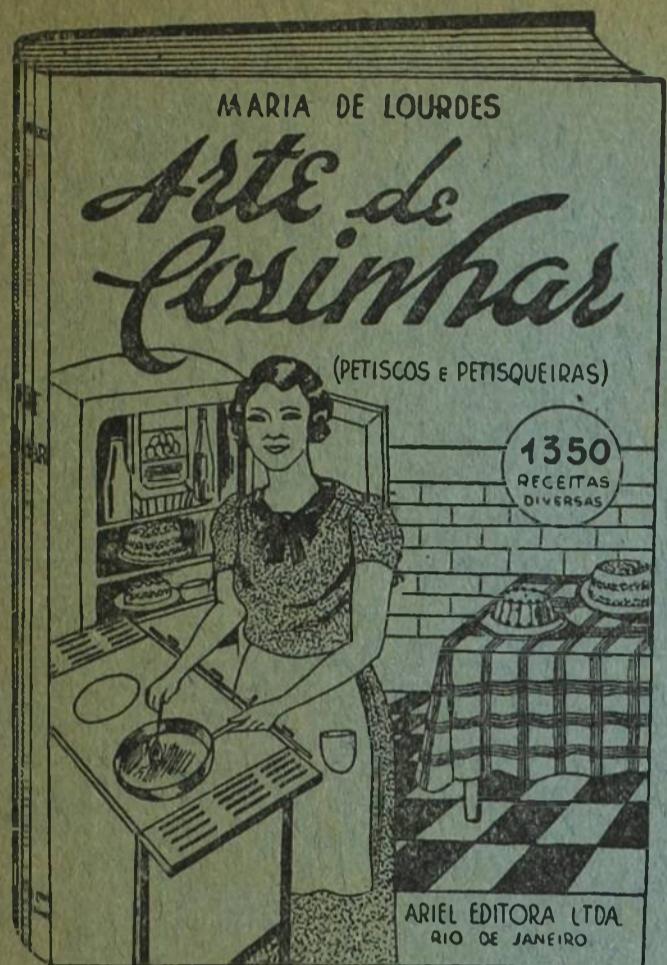
**A ARIEL EDITORA, LTDA.**

Rua Senador Dantas, 40-5.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

# O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta  
::::: receitas diversas ::::

CLARAS  
SIMPLES  
EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dietéticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Môlhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas	Refrescos	Cremes
Peixes	Sundays	Molhos para cremes
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
Carnes	Cocktails	Pães
Caças	Punches	Pãezinhos
Aves	Toddys	Bolachas
	Egg-Noggs	Rosquinhas
	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

## ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarios explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito MÉTODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscuits, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitorias de primeira ordem.

A VENDA EM TODA A LIVRARIA DO BRAIL

Volume cartonado 14\$000

PEDIDOS A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

Rua do Ouvidor n.º 94 — Rio de Janeiro

# COLLEÇÃO "SIP"

MEIO MILHÃO  
DE VOLUMES  
PUBLICADOS

## CADA VOLUME



EM TODAS AS LIVRARIAS E NA  
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO Rua do Ouvidor, 94 - Rio

